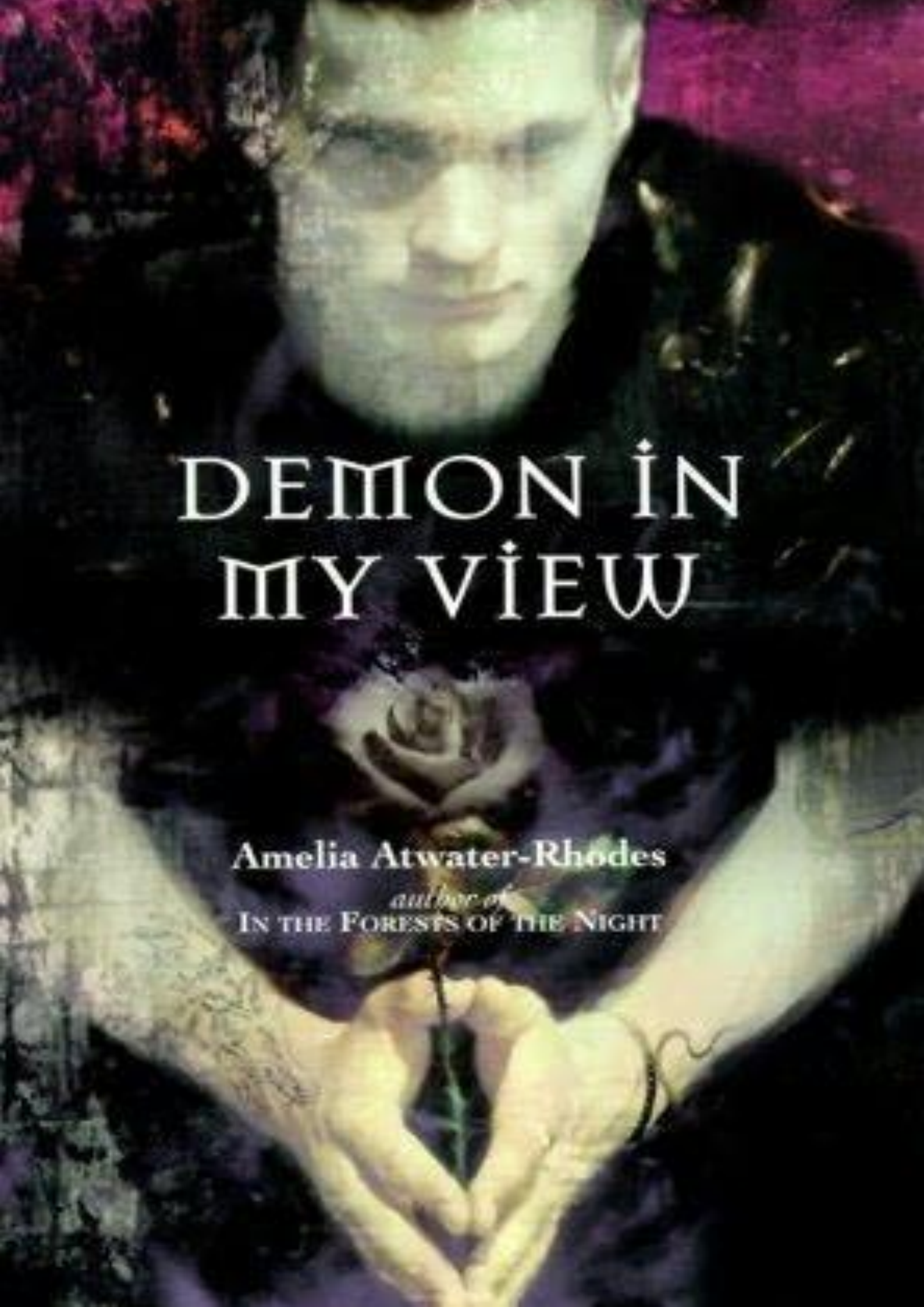


A close-up photograph of a man's face and hands. He is looking directly at the camera with a neutral expression. His hands are positioned in front of his chest, holding a single, light-colored rose. The background is dark and textured, possibly a wall or a curtain. The lighting is soft, highlighting the man's features and the petals of the rose.

DEMON IN MY VIEW

Amelia Atwater-Rhodes

author of
IN THE FORESTS OF THE NIGHT



DEMON IN MY VIEW

AMELIA ATWATER-RHODES



Jessica não é uma adolescente normal. Embora ninguém em sua escola saiba disso, ela é uma autora publicada. Seu romance de vampiros Tiger, acaba de ser lançado sob o pseudônimo de Cinzas Night. Jessica muitas vezes deseja se sentir mais confortável com seus colegas, como ela faz entre os vampiros e bruxas de sua ficção. Ela sempre foi tratada como uma forasteira na Ramsa High.

Mas dois novos alunos acabaram de chegar à Ramsa, e ambos querem a atenção de Jessica. Ela não tem paciência com Caryn, muito amigável, mas ela é imediatamente atraída para Alex, bonito, um rapaz arrogante, misterioso, que parece surpreendentemente familiar. Se ela não soubesse, acharia que ele era Aubrey, o bandido sedutor de Tiger, Tiger tinha saltado para a vida. Isso é impossível, é claro, Aubrey é uma invenção de sua imaginação. Ou é ele?





Sozinho

*Desde a infância, eu não tenho sido
Como outros foram - eu não vi
Como outros viram - não pude trazer
Paixões de uma fonte comum:
- Da mesma fonte, não tomei
Minha tristeza, - eu não podia despertar
Meu coração se alegrava no mesmo tom -
E tudo que eu amei, - eu amei sozinho -
Então - na minha infância - na madrugada
De uma vida mais tempestuosa, - foi elaborado
De qualquer profundidade de bem e mal
O mistério que me liga ainda -
Da torrente ou da fonte, -
Do rochedo vermelho da montanha -
Do sol que volta de mim roda
No seu tom de outono de ouro -
Do brilhante céu
enquanto passa por mim voando por-
Do trovão e da tempestade -
E a nuvem que tomou a forma
(Quando o resto do céu era azul)

De um demônio em minha opinião -*



Prólogo

A noite é cheia de mistério. Mesmo quando a lua está brilhante, segredos se escondem em todo o lugar. Então o sol nasce e seus raios fazem tantas sombras que o dia cria mais ilusões que toda a verdade velada da noite.

Eu tenho vivido nessa ilusão por grande parte da minha vida, mas eu nunca tinha pertencido a isso, e mesmo agora, a noite ainda sussurra pra mim. Um laço forte me prende a o lado negro do mundo, e me protege da luz.

Capítulo 1

O ESQUECIMENTO NEGRO DO SONO FOI quebrado pelo som de algum cantor no rádio relógio de Jessica. Ela gemeu e bateu vigorosamente no despertador para o silêncio, então procurou cegamente pelo interruptor de luz. O brilho vermelho escuro da lâmpada de lava a forneceu luz o suficiente para ver a hora.

Sete horas. Os números vermelhos brilhavam sadicamente, e Jessica praguejou. Apenas duas horas de sono novamente. Como ela conseguiu permanecer no mundo consciente era um mistério, mas ela se levou até o chuveiro, onde a água fria terminou o que o despertador havia começado.

Apenas cento e oitenta dias de escola restantes, Jessica pensou enquanto se preparava para o primeiro dia do seu ano de veterana do ensino médio. Mal havia tempo o suficiente para se vestir antes de colocar a mochila nos ombros e caminhar pela rua para pegar o unibus. Café da manhã? Um sonho fugaz.

Ah, Ramsa High School. Que perfeito pedaço de inferno, ela pensou enquanto o ônibus arrancava para a escola. Em um ano, você estará longe daqui pra sempre. Aquele fato era a única coisa que havia convencido Jessica de sair da cama naquela manhã: se ela passasse no ultimo ano, nunca mais teria de sucumbir a força de Ramsa High novamente.

Ela havia vivido na cidade de Ramsa desde os doze anos, e tinha a muito percebido que os outros estudantes nunca a aceitariam. Alguns eram abertamente hostis, mas nenhum podia ser descrito como quente e fofinho também.

Enquanto se aproximava do prédio, Jessica estava agudamente consciente de quantos estudantes entravam em grupos de amigos. Ela conhecia essas pessoas há 5 anos, mas aquilo não parecia importar enquanto eles passavam por ela sem nenhuma palavra. Ela até viu duas garotas encarando-a, sussurrando uma para a outra, então rapidamente fugirem como se Jessica fosse perigosa de alguma forma.

Um veterano, um cara que Jessica conhecia desde o primeiro dia em Ramsa Junior High, se benzeu quando viu ela. Ela estava tentada a começar a cantar satanicamente na esperança de assustar ele. Ele deve ter decidido a muito que ela devia ser uma bruxa, e

ela não sabia o porquê. Ocasionalmente, sem motivo algum ou por puro tédio, ela encorajava a crença dele.

O pensamento era inacreditável. As únicas bruxas que ela conhecia viviam apenas nos limites dos romances que ela havia escrito nos últimos anos. Uma de suas bruxas podia caminhar bem na frente desse idiota e ele nunca iria reconhecê-la como o que ela era; As bruxas de Jessica tendiam a ser bem humanas em suas maneiras e aparências.

O mais engraçado, no entanto, era o fato de que o velho inimigo dela estava segurando o livro *Tigre, Tigre de Ash Night*. Jessica se perguntou como ele reagiria se soubesse que ela logo estaria ganhando royalties pela compra dele.

Jessica tinha sido atingida pela ideia de *Tigre, Tigre* muitos anos antes, quando ela e Anne tinham visto um dos velhos amigos de colégio em Concord, Massachusetts. Ela tinha gasto quase todo fim de semana das férias trancada no quarto dela, e essas horas de trabalho tinham valido a pena.

No período livre, Jessica sentou nos fundos, sozinha como sempre. Ela esperou numa contemplação silenciosa a chamada. A professora era uma jovem mulher que Jessica nunca havia visto antes; seu nome estava escrito no quadro e tinha recebido alguns risos silenciosos dos estudantes. Kate Katherine, professora de ensino médio, deve ter tido pais doentes. Por um lado, o nome dela era provavelmente mais fácil de se lembrar do que Jessica Ashley Allodola.

— Jessica Allodola? — Srta Katherine disse como se soubesse dos pensamentos de Jessica.

— Aqui, — Jessica respondeu distraidamente. A professora olhou o nome dela no livro e foi para a próxima pessoa da lista.

As palavras da mãe adotiva de Jessica, Anne, ecoaram pela mente dela.

— Amanhã é seu primeiro dia de um novo ano, Jessie. Você poderia ao menos tentar não ser mandada para a direção? Ao menos isso?

— Não me chame de Jessie, — ela tinha respondido.

— Apenas tente Jessica, — Anne tinha alegado. — Por mim?

— Você não é minha mãe. Não me diga o que fazer.

— Eu sou a coisa mais perto de uma mãe que você tem!— Anne tinha rosnado, perdendo a paciência.

A observação machucara, e Jessica foi até seu quarto, murmurando, — Minha mãe de verdade foi esperta o suficiente para se livrar de mim antecipadamente.

Voltando para o presente, ela pensava amargamente se Anne considerava má sorte o fato de Jessica ter sido a criança que acabara adotando. Jessica.

Jessica se livrou desses pensamentos assim que uma garota bonita com cabelo castanho timidamente entrou na sala.

— Me desculpa estou atrasada, — a garota disse. — Sou nova na escola, e eu me perdi um pouco. — Ela se apresentou como Caryn Rashida. Srta Katherine assentiu assim que achou o nome de Caryn em sua lista.

Caryn olhou em volta para um assento vazio; um estava convenientemente perto de Jessica. Mas quando ela viu Jessica, hesitou, como se fosse se sentar em algum outro lugar. Jessica não estava surpresa. Os moradores de Ramsa pareciam se intimidar com ela quase que inconscientemente.

Enfim, Caryn se decidiu e caminhou resolutamente pela sala.

Estendendo uma mão, ela falou. — Oi. Eu sou Caryn Rashida. — Ela tropeçou um pouco no próprio sobrenome. — Por que você esta sentada sozinha aqui?

— Por que eu quero, — Jessica respondeu friamente, nivelando seus olhos verde-esmeralda nos azuis pálido de Caryn. Caryn sustentou o olhar por um momento a mais que a maioria das pessoas conseguia, mas então olhou pra longe.

Com desgosto, Jessica tinha notado a inquietação da garota e a decisão dela de se esforçar apesar disso. Jessica não tinha desejo algum de ser pega nas asas de Caryn como uma criança sem casa. Antipatia ela entendia, pena não suportava.

— Você não prefere ter alguma companhia?— Caryn pediu seu tom mais moderado, mas não menos simpático.

Ignorando as tentativas de conversa de Caryn, Jessica pegou um lapis e começou a desenhar.

— Bem,então... Eu acho que vou deixar você sozinha,— Caryn disse, sua voz silenciou. Ela se moveu para outra mesa. Jessica continuou desenhando, ignorando Caryn e a professora,que estava falando sobre atribuições de armários.

Srta. Katherine pediu a Caryn para ajudar a distribuir os cadeados, e quando Caryn tinha terminado, se demorou um pouco na mesa de Jessica. Jessica questionou severamente a persistência da garota.

— Nunca consegui entender isso,— Caryn murmurou enquanto brincava com seu cadeado. Ela virou a combinação uma dúzia de vezes, sem sucesso. — Talvez esteja quebrado... Quer tentar?

Jessica puxou o cadeado das mãos de Caryn e o abriu em um segundo.

— Espero que não tenha que usar muito o armário esse ano.

— Como essas coisas funcionam?— Caryn riu pra ela alegremente.

— Descubra você mesma,— Jessica respondeu enquanto ela fechava o cadeado e jogou de volta para Caryn.

— O que eu fiz pra você?— Caryn pediu, finalmente desistindo, e Jessica não teria ficado surpresa em ver os olhos dela começando a lacrimejar. — Por que você tem que ser tão má comigo?

— É quem eu sou,— Jessica falou, fechando o caderno dela e colocando-o longe. — Aprenda a viver com isso.

Ela virou suas costas para Caryn assim que Srta Katherine levou a turma para os armários. A garota não tentou falar com Jessica novamente pelo resto do dia. Ninguém mais tentou, além da chegada de Caryn, nada tinha mudado.

Capítulo 2

— COMO FOI SEU PRIMEIRO DIA DE AULA? - A mãe de Caryn perguntou à garota quando entrou na cozinha.

A mãe de Caryn, Hasana Rashina, era ligeiramente rechonchuda, uma mulher atraente, com seus cabelos de um rico marrom, cortados em um sério estilo lisonjeio. Ela estava obviamente cansada de seu dia de trabalho na livraria, onde era a nova gerente, mas Caryn decidiu não incomodá-la com os detalhes do gelo que havia recebido pela manhã.

— Isto é horrível. Ela respondeu pegando um talher na gaveta e se servindo de sorvete.

O pensamento de Jessica era inquieto. Havia coisas na aura de Jessica que ela não conseguia indetificar, algo mais sobrio que o normal. No começo isso tinha impedido de Caryn de se aproximar. Depois dia após dia, ela poderia ver isso mantido nos outros estudantes também.

É claro, isso era lógico. Caryn não era dessa cidade e Jessica devia ser uma estutande normal de ensino médio.

Caryn tentou apesar do mal estar, conhecer Jessica, mais porque a garota parecia sozinha e porque Caryn tinha sido solicitada a fazê-lo.

Solicitada por esses pensamentos, ela perguntou: — Onde está Dominique?

Hasana suspirou: — Ela teve problemas para distribuir envolvendo suas filhas, mas deve estar de volta em breve.

Dominique Vida era uma das poucas pessoas que poderia dar a Caryn arrepios só por estar presente na sala. Ela fora líder de uma antiga linha de bruxas, e seu poder era impressionante. Foi a primeira a rastrear o endereço de Jessica e manobrou Caryn e Hasana para esta cidadezinha, encontrou uma casa para elas e arranhou um emprego para Hasana em menos de duas semanas.



Apesar de todo esse poder, a mulher era emocionalmente fria como gelo em quase todas as situações. Ela precisava: Dominique Vida era uma caçadora de vampiros. Ela não poderia deixar nenhuma emoção causar hesitação em uma luta.

Ninguém perguntou a Caryn sobre se mudar para a cidadezinha, ela mal podia respirar na aura dos vampiros, ela teria recusado. Mas Dominique era líder de todas as quatro linhas de bruxas, incluindo a linha The Smoke, a linha de Caryn.

Dominique poderia ordenar que Caryn fosse ao covil dos vampiros sozinha, e Caryn não poderia arriscar perder seu título de bruxa. Jessica parecia ser anti-social, pelo menos assistir a escritora não parecia perigoso.

Na mesma linha de pensamento que sua filha, Hasana perguntou: — Você encontrou Jessica?

— Sim, ela me odiou a primeira vista. Caryn respondeu melancolicamente. — E considerando como ela me tratou não estou surpresa.

Caryn ficou chocada com a forma que os colegas de Jessica a olhavam como se ela fosse uma aranha venenosa. Um deles, um atlético veterano que havia fletado com ela um minutos depois, tinha chamado Jessica de bruxa. Machucada por essas palavras, Caryn precisava engolir o argumento; Jessica ainda poderia ser a bruxa que o garoto que tinha feito a acusação.

Caryn olhou para a taça, o seu apetite desapareceu. Seu sorvete estava derretendo.

Capítulo 3

ANNE CONFRONTOU JESSICA, logo que ela entrou pela porta da frente. — Você está atrasada.

— Desculpa, — Jessica respondeu com ironia. — Eles me amam muito, eles me pediram para ficar um pouco mais.

— Jessica... No primeiro dia de escola?— a voz de Anne estava pesada com a decepção.

— Aprenda a arte do sarcasmo, — Jessica sugeriu. — Eu precisava gastar um pouco de energia, então eu passei pelo bosque a caminho de casa.

— Graças a Deus. Anne sorriu e começou a preencher os formulários que a escola tinha enviado para casa. Um momento embaraçoso se passou em silêncio.

— Alguma coisa interessante aconteceu na escola?— Anne perguntou finalmente, embora Jessica pudesse dizer que sua mente não estava sobre a questão.

— Não, Jessica respondeu distraidamente enquanto procurava em sua bolsa uma carta que os professores haviam mandado para os pais. Ela entregou a Anne.

Após a averiguação da carta, Anne perguntou: — Como são seus professores?

— Agradáveis.

— Isso é bom.

Como de costume, a conversa foi mais um gesto social obrigatório do que um método de comunicação. Anne e Jessica tinham aprendido há muito tempo atrás que não tinham nada em comum e tinham poucas chances de sempre se envolverem em uma conversa realmente de dois lados sobre qualquer coisa. Ocasionalmente, uma atenção efetivamente pegava o que a outra estava dizendo, mas como as circunstâncias normalmente levaram a argumentos...

Outro momento de silêncio se seguiu.

— Eu vou para o meu quarto, — Jessica anunciou finalmente. Deixando sua mochila no sofá, ela subiu as escadas para caverna mal iluminada que ela havia criado para si mesma.

As janelas estavam cobertas por pesadas cortinas pretas, e as máscaras caíram. Um pequeno feixe de luz espremido debaixo das cortinas, mas isso foi tudo.

A cama, que era pouco mais que um colchão sobre rodas havia sido empurrada para um canto. Os lençóis e edredons eram negros, assim como todos os travesseiros. A exceção foi o violeta escuro e feito de camurça falsa. Anne tinha comprado o travesseiro para Jessica há vários anos atrás, quando ela ainda estava tentando influenciar os gostos da garota. Além dos travesseiros e da lâmpada Lava magenta de Jessica, havia pouco mais na sala que não era negro.

Um computador portátil e impressora se destacaram brilhantemente contra seus ambientes escuros. Ela sentou-se sobre uma mesa de madeira preta, que partilhava com uma variedade semeada de disquete e discos. O computador era uma das poucas coisas que Jessica apreciava. Aqui, no sombreado nicho que ela havia criado para si mesma, aqui ela produziu romances que tinham sido sua fuga do mundo desde que ela se mudou para Ramsa.

Os 29 manuscritos que tinha escrito nos últimos cinco anos, o envelope marrom que mantém o contrato de dois deles, e alguns exemplares da publicação livro Tiger, Tiger eram os únicos objetos entre outros não-negros na sala.

Há dois anos ela havia começado a primeira busca por uma editora; Ela mal podia acreditar no quão rapidamente as coisas aconteceram desde então. Seu primeiro livro, Tiger, Tiger, tinha sido liberado cerca de uma semana antes, sob o pseudônimo de Ash Night. E seu segundo livro, Dark Flame, estava sendo escrito.

Jessica deixou-se cair em sua cama e olhou para o teto. Às vezes as idéias para seus livros a atingiam quando ela ficava assim, olhando para o esquecimento, mas geralmente elas vinham de seus sonhos.

Mesmo quando estava escrevendo, era como se ela estivesse em um sonho - aquele que lhe desperta e a mente não entende. Ela nunca soube o que estava acontecendo em qualquer um dos vários romances que ela estava trabalhando em um dado momento. Mas ela tinha aprendido a não ler os manuscritos até que se completassem. A única vez que ela tinha quebrado a regra, o fluxo de palavras tinha



abruptamente se interrompido. Essa era a única história do qual não gostava. As cenas escritas depois que ela tinha lido pareciam forçadas e não naturais. Tentando pensá-las, até tinha sido uma tarefa árdua.

Ela não percebeu que dormira até que foi acordada por Ana batendo em sua porta.

— Jessica?

— O quê? ela perguntou, cansada.

— É hora do jantar, disse Anne anunciado. — Você vai descer?

Jessica fechou os olhos por um momento mais e, em seguida, levantou-se e virou-se para seu computador.

— Eu não estou com fome, ela disse a Anne. — Vá em frente e coma sem mim.

— Jessica -

— Eu vou comer mais tarde, Anne, — ela disse. Normalmente ela teria, pelo menos, se juntado com Anne para jantar, apenas para manter a ilusão de uma relação familiar. Mas quando ela estava com vontade de escrever, isso puxava e era mais forte que seu desejo de conviver com sua aprovada mãe.

Capítulo 4

EM 5 MINUTOS JESSICA ESTAVA ESCRREVENDO RÁPIDO, perdida na bolha de sua imaginação. A noite inteira passou enquanto ela digitava. O sol nascia quando o fluxo de palavras se interrompeu.

Exausta, Jessica desligou o computador, ficou de pé para se esticar, e caiu na cama num sono cheio de pesadelos.

Jazlyn desmaiou de joelhos, inapta em ficar de pé por mais tempo. A cabeça dela martelava enquanto o seu corpo lutava com o sangue estranho que estava tentando dominar o sistema dela.

Ela conhecia essa sensação. Ela já sentira isso antes, no dia em que morreu, anos atrás. Não havia doído muito. Não doía morrer.

Por que doía tanto viver novamente?

A visão dela ficou preta enquanto o seu coração bateu pela primeira vez em mais de trinta anos.

Tomou uma lenta, dolorosa respiração.

O coração em seu peito trabalhou, desacostumado a essa tarefa. Seus pulmões ardiavam com a ingestão constante de oxigênio, o que parecia selar sua garganta. Todos os músculos de seu torso apertando cada vez que ela inalava.

Finalmente ela caiu numa inconsciência feliz.

Jessica acordou, arfando por ar.

O mesmo sonho tinha frequentado seu sono por anos, mas ela ainda não se acostumara com isso com isso. A dor era tão vívida.

Ela ligou a lampada de lava e deixou o brilho cor de rosa acalmá-la. O relógio dizia 6:13 da manhã. Apesar de ser menos de uma hora depois de ter ido dormir, ela não estava mais cansada. Como sempre, o sonho forçou a fadiga para longe.

Depois de tomar banho e se vestir rapidamente, ela parou para se estudar na frente de um espelho de corpo inteiro no banheiro. Jessica sabia bem que tinha um corpo e rosto de morrer. Com 1,65 de altura, era fina mas não ossuda e tinha músculos bem trabalhados apesar do fato de quase nunca malhar. A pele dela era naturalmente clara e

tinha permanecido daquele jeito pela aversão dela a luz do sol. Diferente das muitas garotas da idade dela, Jessica era perfeita e sempre tinha sido. O longo cabelo negro caído no rosto com maçãs altas, lábios cheios, e olhos verdes expressivos.

Mas mesmo com sua aparência atraente, Jessica nunca havia tido um encontro. As vezes o fato a incomodava, apesar de ela normalmente ter mais insultos para lidar do que rejeições dos garotos da série dela.

Aborrecida, finalmente olhou pra longe de seu reflexo. Novamente, ela não conseguia achar a falha que fazia as pessoas hesitarem quando viam ela na rua ou no corredor.

Em baixo, na cozinha, Anne fazia algumas panquequas.

— Bom dia, Jessica, — Anne disse assim que ela colocou duas panquequas num prato. — Sente.

Jessica sentou. Ela não estava com pressa essa manhã, e as panquequas tinha um cheiro delicioso. Ela percebeu que comeu pouco no dia anterior. — Tem cheiro bom, — ela disse. Anne sorriu. — Obrigada. Eu tento. — Na hora em que saiu para a escola, Jessica estava de bom humor. Ela ainda tinha coração pra sorrir para Srta. Katherine quando a viu na frente do prédio, e a professora retornou o gesto com um aceno. Então Caryn passou, e a alegria de Jessica desapareceu.

Capítulo 5

AO ENTRAR NA ESCOLA, JESSICA SE DEPAROU com um grupo de meninas que se reunia perto do escritório principal.

— Bom garoto. Ela ouviu uma delas sussurrando, se referindo a alguém do escritório.

— Quem é ele? Outra garota perguntou.

— Não faço idéia. A primeira respondeu. — Mas você tem que admitir que ele é fofo.

— Fofo? A terceira garota repetiu. — Ele é completamente Gostoso.

Jessica não podia ver o profundo assunto da conversa. Provavelmente era um garoto branco bonito que substituiria o mais odiado dos professores da escola, ela teve o pensamento pessimista.

— Para quem vocês estão olhando? Ela perguntou para as três garotas.

Mais silenciosas, a veterana de nome Kathy, olhou por cima do ombro, reconhecendo Jessica, agarrou os braços de suas amigas e as puxou para longe.

Jessica fez uma carreta enquanto as olhava ir. Pelo menos a maioria das pessoas eram sutis sobre ficar longe dela.

Ela rapidamente se esqueceu do comportamento das garotas, quando olhou para dentro da sala e viu o objeto de toda admiração.

Seu rosto poderia ter sido modelado para uma moeda de Roma. A cor do cabelo parecia como penas de corvo em contraste com sua pele, e quando ele se virou ela viu uns fios caírem sobre seus olhos, escurecendo-os. Ele estava vestido de preto, exceto pela corrente de ouro em seu pescoço. O pingente em sua corrente era uma cruz, mas Jessica não tinha certeza de onde estava.

Um cheque de reconhecimento a golpeou. Aubrey.

Abrey era, sem duvida, o seu personagem favorito do livro que estava escrevendo. Ele tinha sido o vilão de Tiger, Tiger e era o personagem principal em Dark Flame. Deslumbrante, poderoso e um pouco misterioso, ele era a fantasia de toda garota adolescente... Ou pelo menos, ele era dela. Considerando seu presente status no mundo dos adolescentes, ela não poderia fingir em falar do resto da população feminina.

É claro, Aubrey era um vampiro.

Controle-se Jessica. É sua ficção, ela lembra a si mesma. Aubrey não existe. Ela não se importaria se seu herói vampiro existisse, mas tais coisas eram impossíveis, vampiros não existem.

Ela sentou-se novamente no fundo da sala e dessa vez ninguém veio falar com ela. Caryn olhou uma vez do grupo em que parecia ter sido aceita, mas Jessica enviou um olhar feroz em seu caminho e Caryn aninhou-se com medo, visivelmente abalada.

Alguns momentos depois, o garoto caminhou até a sala. Ele entregou o papel à Sr. Katherine, mas não se deu o trabalho de se explicar.

—Alex Remington? Sr. Katherine perguntou, lendo o formulário.

Ele balançou a cabeça, mal prestando atenção na professora, procurando um lugar para se sentar.

Alex parou quando olhou para Caryn, ela o estava assistindo com seus olhos. Ao contrario das outras garotas na sala, Caryn olhava terrivelmente.

Quando o sinal tocou, Jessica olhou Caryn com curiosidade, que puxou sua mochila e deslisou para o meio da multidão e saiu da sala. Ela estava claramente tomando cuidado para ficar o mais longe de Alex Remington.

Quando Alex estava chegando a porta, uma garota chamada Shannon apanhou ele. Jessica reconhecia os métodos de fletagem masculina de Shannon e sacudiu a cabeça em desgosto. Shannon já tinha um namorado, mas nada a impedia de ter uma queda pelo cara mais deslumbrante em sua linha de visão.

Jessica estava prestes a sair e olhou Alex por um momento, olhou sobre o ombro a reunião de Shannon. Seus olhos eram um jato negro sobre as sombras de seus cílios.



Jessica sorriu ironicamente em resposta da diversão que via naqueles olhos – sem dúvida uma reação aos avanços nada sutis de Shanonn.

Alguma coisa que Shanonn disse chamou sua atenção e ele olhou desviou o olhar para Jessica, retornando seu olhar mais admirador e intenso.

Um pouco relutante, Jessica passando para o corredor, deixando Alex a mercê de Shanonn a Conquistadora.

Capítulo 6

JESSICA ENTROU NO PÁTIO NA HORA DO ALMOÇO, não tendo nenhum desejo de sentar-se sozinha em uma mesa no refeitório para ser agredida pelo mau cheiro da carne do dia misteriosa.

Seus pensamentos viajaram um momento para Alex, ela se lembrou de como ele chamou sua atenção. Então censurou-se mentalmente por se focar em um cara que provavelmente já tinha esquecido que ela existia. E mesmo que ele não tivesse, ele nunca estaria desesperado o suficiente para arriscar sua posição social, associado com uma leprosa do colégio Ramsa .

Ela tirou um caderno sem pauta e uma lapiseira de sua mochila e começou a esboçar, simplesmente para ter algo o que fazer com as mãos, enquanto discretamente observava as pessoas ao seu redor.

Shannon estava com alguns de seus amigos, mas em vez de falar com eles, ela estava olhando intensamente através do pátio para Alex. Alex, apoiado casualmente contra uma árvore, estava sorrindo levemente enquanto outro rapaz o repreendia. Jessica reconheceu o rapaz como sendo o namorado de Shannon, e julgando pela postura dele e o tom de voz, tinha ouvido sobre a conversa de Shannon com Alex naquela manhã. Finalmente Alex pareceu perder a paciência. Ele preendeu os olhos com o do outro rapaz, que, apesar de alguns centímetros mais alto do que Alex e muito mais amplo, deu um passo para trás. O rapaz disse algo que Jessica não podia ouvir e saiu rapidamente. Jessica sacudiu a cabeça, não surpreendida. Algo sobre Alex tornava evidente que ele não era alguém para mexer.

Enquanto Jessica via o confronto, ela continuou a desenhar. Agora, ela olhou para o desenho a lápis e sentiu um calafrio percorrê-la.

Mesmo que seu modelo não estivesse nas proximidades, a semelhança era notável. Mas a coisa que golpeou-a mais era o pingente, que ainda não tinha sido capaz de olhar de perto, mas que de alguma forma desenhara detalhadamente. A cruz estava de cabeça para baixo e cuidadosamente moldada com uma víbora

enroscada em torno dela. Era o mesmo modelo de um que Aubrey usava, e isso fez Jessica ver que ela tinha desenhado isso em seu retrato de Alex.

— Se importa se me juntar a você? Alguém perguntou.

Não apenas alguém. *Alex*. Jessica reconheceu sua voz e chicoteado seu caderno fechado. Seu tom era confiante, não marcado pela estranheza adolescente. Ouvir a sua voz de seda suave a fez estremecer, porque ela foi novamente atacada por uma onda de familiaridade.

Sai dessa, Jessica ordenou a si mesma. Durante sua argumentação mental, ela ouviu sua voz calma responder para Alex,

— Vá em frente.

Suspeitando dos movimentos dele, ela não poderia imediatamente surgir com algo a mais para dizer. A última vez que algum cara havia tentado falar com ela, ele tinha feito apenas em um desafio. Com essa dolorosa lembrança na mente, ela manteve sua expressão calma, à espera que Alex Remington se explicasse.

Enquanto ele se sentava perto dela, ela estudou sua aparência. O pingente era exatamente como ela havia desenhado, exatamente como a de Aubrey.

— Você sempre fica aqui fora?— perguntou ele.

— Você sempre sai do seu caminho para falar com pessoas que parecem querer ficar sozinhas?— ela respondeu instintivamente na defensiva. Ela mordeu a língua, depois de falar as palavras. Se Alex realmente queria conhecê-la, ela era uma idiota por tentar persegui-lo.

Ele só parecia estar se divertindo. — Você prefere ficar sozinha, ou você está evitando alguém em particular?— Quando ele perguntou isso, olhou para as janelas do refeitório. Jessica seguiu seu olhar e percebeu Caryn sentado dentro de um grupo de outros veteranos.

— Se eu estivesse tentando evitar alguém, seria Caryn— ela respondeu com sinceridade. — Ela parece convencida de que a minha criança interior precisa de um amigo.

Uma mistura de empatia e de contrariedade atravessou as feições de Alex. Jessica sentiu-se confiante de que o incômodo era reservada para Caryn.



— É a sua natureza tentar atrair as pessoas para fora da escuridão,— ele disse.

— Vocês dois se conhecem?

— Infelizmente,— ele respondeu. O desprezo em sua voz era palpável.

Ele observou silenciosamente Caryn por um momento, até que ela olhou para cima como se pudesse sentir o seu olhar. Quando viu Jessica e Alex sentados juntos, ela se levantou, pegou seus pertences e se apressou para sair.

— Com certeza ela não tenta atraí-lo para fora da escuridão,— Jessica comentou.

— Eles tentaram, e eles falharam miseravelmente,— foi sua resposta.

Capítulo 7

CARYN RECUOU PARA A BIBLIOTECA DA ESCOLA DEPOIS DE ver Jessica com a criatura que estava se chamando de Alex. Ela tinha aula de estudos, de qualquer jeito, outros estudantes já estavam se separando na cafeteria e indo para suas salas.

Ela estava olhando para a janela por quase 5 minutos quando repentinamente viu Alex e Jessica passando. Parecia que não havia escapatória deles.

— Você está me perseguindo?— ela ouviu Jessica dizer a Alex numa clara, talvez até flertante voz. Caryn franziu a testa para quão facilmente Jessica parecia confiar nele. Alex era a ultima criatura na terra que qualquer humano devia confiar.

— Porque eu faria isso?— Alex perguntou com inocência fingida.

Porque mesmo? Caryn pensou. Talvez porque você é um sangue suga manipulador? Se pelo menos Jessica soubesse com o que ela estava falando.

— Enfim, Não fico tão óbvio quando estou perseguindo alguém,— Alex estava dizendo para Jessica, com divertimento na voz.

Caryn balançou a cabeça. Claro que você está, ela pensou. Se eles não sabem que você está lá, eles não tem medo.

Repentinamente ela ouve a voz zombadora dele claramente na mente. Acho que você saberia por experiência?

Ela ergueu seus escudos mentais, apesar de saber que eles eram um pouco melhor que vidro contra a espécie dele. Saia da minha mente, ela pensou raivosamente. Alex riu em retorno.

Enquanto isso, ele e Jessica continuavam a conversar. Era obvio que Jessica não sabia da conversa silenciosa que estava acontecendo. A voz dela era jovial e sem proteção, como se estivesse falando com um amigo.

Amiga do sangue sugas, mas não dos humanos, Caryn pensou amargamente.

Ela não podia exatamente culpar Jessica, apesar disso. Mesmo sabendo da verdade sobre Alex, Caryn mesma mal podia sentir a bolha do controle mental dele. Sem esforços conscientes ele mantinha humanos como escravos, então eles ficavam confortáveis perto dele apesar do instinto deles de evitar sua espécie.

Apenas duas vezes durante o dia Caryn o havia visto baixar a guarda: com Shannon naquela manhã e com os caras que tinham insultado ele no almoço. Shannon tinha rapidamente parado de flertar e saído fora, mas tinha conseguido rir sobre a subita insegurança quando descrevia a situação para Caryn mais tarde.

Caryn se forçou a começar o dever de casa e não pensar muito mais em Alex e Jessica. Ela não tinha habilidades de luta para se defender de Jessica fisicamente. E a garota tinha deixado claro que não queria fazer parte do círculo de amizades de Caryn, então certamente ela iria ouvir seus avisos.

Caryn não iria ficar no caminho de Alex—especialmente lá, cercada por tantos humanos indefesos. Discutir com um vampiro no meio de uma multidão apenas faria pessoas morrerem.

Capítulo 8

DEPOIS DA ESCOLA Jessica pegou o ônibus para o centro da cidade. Ela caminhou até a livraria, na esperança de encontrar *Tiger, Tiger* nas prateleiras. O livro era para ter saído mais de uma semana atrás, mas esta foi a primeira chance que Jessica teve de procurá-lo. As cópias antecipadas que ela tinha em casa não possuíam o mesmo atrativo que a visão de seu trabalho em uma exposição de livraria.

Jessica suspirou quando viu Caryn navegando pelas prateleiras, mas ela não estava a fim de deixar a adolescente chata persegui-la.

— Oh... Oi, Jessica—, disse Caryn, parecendo surpresa. —Você está procurando alguma coisa?

—Um livro. Pelo que mais eu estaria em uma livraria? — Jessica respondeu irritada.

Levou apenas um segundo para localizar *Tiger, Tiger* na prateleira ao lado de Caryn, e ela estendeu o braço em frente à menina para pegar uma cópia. Como o livro foi escrito sob o pseudônimo de Jessica, Ash Night, Caryn não seria capaz de conectar Jessica a ele. Mesmo assim, os olhos de Caryn se arregalaram quando viu o livro.

— Eu li este, disse ela com uma voz que soou falsamente casual.

— Eu também—, Jessica respondeu, afastando-se Caryn e em direção ao balcão. — Eu me pergunto como o autor é, — comentou Caryn. — De onde você acha que suas idéias vêm?

Jessica ignorou Caryn sem esforço até que ela acrescentou: — E se isso tudo fosse real? Se os vampiros de Ash Night realmente existiram? Se Ather e Risika e Aubrey—

Jessica girou para Caryn enquanto ela falava aquele último nome. — Vampiros não existem, — ela retrucou. — Supere isso. — Depois de ter tido essa conversa com ela mesma durante o dia todo, ela estava feliz por finalmente ter uma desculpa para dizer as palavras em voz alta.

— Mas—

— Caryn, eu tenho sido sutil, rude, e até mesmo ofensiva, — Jessica interrompeu. — Agora é hora para diretas. — Ela encontrou os delicados olhos azuis de Caryn com um olhar glacial. — Eu não me importo se você acha que vampiros existem. Eu não quero falar sobre isso, assim como eu não quero conversar sobre fechaduras de combinação ou qualquer outra coisa. Eu não quero falar com você afinal. Você entendeu?

Com um pequeno suspiro, Caryn assentiu, murcha.

Isso tinha sido bastante satisfatório. Em seguida, Jessica só tinha que se convencer de que Alex Remington não era o Anticristo, e ela poderia voltar para o tédio regular de sua vida diária.

— Fria, — ouviu atrás dela. — Muito fria. Eu aprovo totalmente.

Jessica se virou e viu Alex encostado em uma prateleira. Seu olhar enquanto observava Caryn saindo apressada lembrou Jessica de um lobo observando um coelho correndo para se proteger.

— Talvez eu seja paranóica, mas eu poderia jurar que você está me seguindo. — As palavras saíram da boca de Jessica antes que ela tivesse uma chance de considerá-las. Ouvindo seu próprio tom, ela quase engasgou. Se ela se pegasse paquerando, ela provavelmente ficaria doente.

— Estava e não estava, — ele respondeu vagamente, e não acrescentou mais nada. Ele se virou para vagar pelo corredor, olhando de prateleira para como se estivesse procurando algo. Após alguns metros, ele olhou por cima do ombro esquerdo para ver se ela ainda estava atrás dele, e ocorreu-lhe que *ela* o estava seguindo. Envergonhada, ela parou de fazê-lo.

— Alguma coisa boa aqui?— perguntou ele, voltando para a prateleira onde Jessica tinha encontrado *Tiger, Tiger*.

— Qual é a sua definição de bom?— ela perguntou, fazendo um ponto de não se mover em direção a ele.

Ele puxou um livro da prateleira: *Renegade*, de Elizabeth Charcoal. Mostrando-o para Jessica, ele disse: — Você vai adorar. Confie em mim.

— Você leu isso?— Jessica tinha visto um artigo de revista sobre a autora, embora ela não tivesse tido a oportunidade de ler o livro. Elizabeth Charcoal alegava que ela era uma vampira, e que *Renegade* era realmente sua autobiografia.

— Eu conheço a autora,— Alex respondeu com naturalidade. — Ela me deu um exemplar autografado do manuscrito. Logo depois ela tentou cortar minha garganta, mas por que fermentar os detalhes?

— Oh, serio?— Jessica disse ceticamente. Ou ele estava provocando-a ou tentando impressioná-la.

Ele deu de ombros. — Entramos em uma discussão.

— Isso acontece com você frequentemente?

— Com bastante frequência—, ele respondeu, seu tom indiferente. — Elizabeth e eu não gostamos muito um do outro, mas seu livro é... interessante. É o tipo de coisa que você gostaria.

— Como *você* sabe o que eu gosto de ler?

— Eu posso dizer—, ele respondeu enigmaticamente, e então ele virou-se para o caixa. Ele fez uma pausa para que ela pudesse alcançar e andar ao lado dele, não atrás. A mulher no balcão olhou para Alex com desprezo e sussurrou algo sob a respiração.

— Hasana, que surpresa. — Alex cumprimentou-a friamente. Ele sorriu maldosamente. A mulher olhou para ele, mas ele ignorou.

— Vocês dois se conhecem?— Jessica perguntou estupidamente, vendo as faíscas raivosas voarem entre eles.

— Hasana é a mãe de Caryn, — Alex ofereceu, como se isso explicasse tudo. Jessica se lembrou da reação de Caryn naquela manhã, quando ela vira Alex pela primeira vez, e se perguntou o que tinha acontecido entre ele e esta família.

— Cuidado com esse cara, — alertou Hasana, apontando para Alex. — Ele provavelmente sabe mais sobre você do que o seu gosto para livros.

— E como poderia ser?— Jessica perguntou secamente.

— Eu posso ler sua mente, e aprender os seus medos secretos e desejos sombrios, — respondeu Alex.

Jessica parou, examinando sua expressão. Ela escrevera aquelas palavras exatas, as palavras de Aubrey, em *Dark Flame*, o romance que estava esperando atualmente na mesa de seu editor. Ela não se lembrava se as tinha usado em *Tiger, Tiger*.

— Você sempre fala assim?— ela perguntou nervosa.

Ele olhou para ela desafiadoramente como disse, — Você não sabe?—

Ela apenas balançou a cabeça, alarmada, mas não querendo mostrar isso.

Quando Alex pagou seu livro, Jessica percebeu que ela ainda estava segurando *Tiger, Tiger*. Ela o colocou sobre o balcão, sem intenção de comprá-lo, ela tinha muitas cópias em casa.

O olhar de Alex flutuou para a capa, e sua expressão saltou imediatamente de diversão para raiva. Ele se virou e, sem dizer mais nada, saiu da loja. Jessica foi deixada olhando para ele, chocada demais para reagir.

— Se eu fosse você, eu simplesmente o evitaria, — aconselhou Hasana.

— Por quê? Será que ele vai me machucar?— o sarcasmo Jessica foi aguçado pela sua confusão sobre Alex.

— A menos que você se mantenha longe dele, ele provavelmente irá, — Hasana respondeu sério. — Ele tem um gênio difícil. — Jessica estava fora de observações afiadas. Para esconder seu desconforto, ela pegou a cópia do *Tiger, Tiger* e disse: — Acho que vou guardar isso antes que ele faça alguém mais pirar.

— Se você o quiser, é só ficar, — Hasana respondeu suavemente. — Você é a autora.

Jessica congelou, pasma.

— Sinto muito, — Hasana disse rapidamente. — Eu só



— Como você sabia?— Jessica interrompeu, irritada ao saber que esta mulher tinha ligado ela a Ash Night. Ela havia usado um pseudônimo para *evitar* o reconhecimento.

— Eu o li, e eu... reconheci você como a autora,— Hasana atrapalhou-se. — Você apenas tem um olhar sobre você...

— Que olhar?

— Não importa, — disse Hasana, sacudindo a cabeça. — Leve o livro e o conselho, e ignore-me.

Ela se virou, de repente muito ocupada com alguns papéis, e deixou Jessica atordoada.

Capítulo 9

AUBREY saiu da loja para evitar ferir alguém, — provavelmente a bruxa. Embora tivesse uma casa na periferia da cidade, ele preferia gastar seu tempo no coração de Nova Mayhem, em seu quarto, atrás da boate conhecida como Las Noches. Lá, ele andou com raiva, pensando no que fazer sobre a humana chamada Jessica. Ela não sabia que tudo que escrevia era verdade. Ela pensava que os vampiros eram apenas mais um mito. Ela pensava que seus personagens eram apenas fruto de sua imaginação. Ela não tinha idéia do que Alex era. Isso não era verdade. Ele sabia que Jessica o havia reconhecido no instante que o viu. Somente sua racionalidade humana tinha impedido de acreditar que Alex Remington era realmente Aubrey.

Aubrey tinha ouvido falar do autor Ash Nighte através de um jovem vampiro que trabalhava como editor na companhia de publicação Night. O vampiro tinha dado até mesmo a Aubrey uma cópia do manuscrito chamado *Dark Flame*. As notícias deste livro tinham rapidamente se espalhado através da comunidade vampírica, como tinha quando Elizabeth Charcoal havia publicado sua autobiografia.

A diferença é que Ash Night não estava escrevendo sobre si mesma, mas sobre coisas que ela não tinha o direito de saber. *Dark Flame* era a própria história de Aubrey, que ninguém sabia, a não ser ele. No entanto, Ash Night já tinha escrito corretamente o seu passado, até o último detalhe.

Aubrey não se importava com o pensamento de *Dark Flame* estar sendo publicado. Em sua história ele tinha sido quase sempre mais forte do que aqueles em torno dele. No entanto, os outros que foram mencionados no manuscrito depararam-se como sendo o mais fraco, e no mundo vampírico, não havia uma pior ameaça para uma posição do uma aparente fraqueza. *Dark Flame* ganhou para o seu autor alguns perigosos inimigos.

O vampiro da editora não tinha trabalhado com Ash Night diretamente, e ela não deveria ter conhecimento sobre o primeiro livro do autor. Vendo *Tiger, Tiger* na loja hoje tinha pego Aubrey completamente de surpresa. A cobertura tornou isso surpreendentemente claro de quem o livro se tratava. Apesar da ignorância do artista sobre seu tema, Aubrey havia reconhecido imediatamente o retrato de Risika. Ele tinha

vivido este livro, bem — ou não vivido isso. Ele sabia o que seria impresso em suas páginas.

Aubrey tocou levemente a cicatriz que se estendia em seu ombro esquerdo, que Risika tinha dado a ele alguns anos atrás. Pela primeira vez em quase três mil anos, ele havia perdido uma luta, e a tinha perdido muito mal. Risika poderia ter matado ele no final. Em vez disso, ela tinha tomado seu sangue e deixado-o viver. A ação havia aberto sua mente para ela completamente, ela agora podia lê-lo tão facilmente como ele podia ler a maioria dos humanos.

A visão do livro era como o impulso de uma faca em seu ainda sangrando orgulho. Aubrey foi o primeiro de seu tipo a procurar o autor, e a maioria dos outros vampiros estavam satisfeitos por saber que ele estava lidando com o problema. Embora Jessica pedisse que seu nome verdadeiro e endereço permanecesse privados, Aubrey tinha puxado facilmente as informações da mente de seu editor. Sua cidade, Ramsa, New York, era apenas a poucos passos de distância da sua casa em Nova Mayhem, uma das mais fortes cidades vampíricas nos Estados Unidos. Aubrey foi para Ramsa para ver o quanto de uma ameaça esse Ash Night era.

O que ele esperava? Qualquer coisa, mas o que encontrou: um ser humano de dezessete anos que não tinha nenhuma ligação aparente com o mundo dos vampiros. Ela, no entanto, tinha uma escuridão em sua aura, que era quase vampírico. Tão perto de Nova Mayhem, a aura de Jessica era reforçada pelos vampiros na área. Os seres humanos reagiram a isso instintivamente e afastavam-se dela, assim como tinham feito com Aubrey até que tinha começado a influenciar suas mentes.

Ele havia tentado influenciar Jessica. Ele deveria ter sido capaz de chegar em sua mente e lhe dizer para parar de escrever. Com qualquer outra humana a tarefa teria sido fácil, mas com Jessica ele tinha sido completamente bloqueado. Esse particular fato o fascinava o suficiente para abster-se de matá-la a primeira vez que tinha sido dado a oportunidade.

De fato, havia muitas coisas sobre Jessica, que lhe interessava, apesar de sua antipatia usual por seres humanos. O mais importante era a sua irritante falta de reação quando ele pegou seu olho anterior. A maioria dos humanos teriam se desorientado, momentaneamente preso em seu olhar, mas Jessica não tinha sido afetada.

Aubrey fechou os olhos por um momento, tomando um fôlego para se acalmar. Ele parou de andar e mais uma vez usou a desapaixonada máscara que tinha desenvolvido durante seus muitos anos de vida.

Mas a ânsia pelo movimento não morreria tão claramente quanto ele esperava, então saiu do quarto e caminhou pelo pequeno corredor para o Las Noches.

A atmosfera da boate era intensa. Luzes estroboscópicas piscavam vermelhas pelo quarto, desorientando todos, menos aqueles que tinham passado tanto tempo dentro do local como Aubrey tinha. Música pesada de baixo batia nos alto-falantes escondidos em algum lugar no teto sombreado, e os espelhos cobertos pelas quatro paredes. Risika tinha quebrado cada centímetro desses espelhos durante sua luta com Aubrey, tão numerosos eram os reflexos já distorcidos.

Até Jessica ver Las Noches, caminhar para dentro, e tentar evitar sua mente de girar, ela nunca seria capaz de imaginar com precisão o bar e a discoteca psicodélica que era o coração negro de Nova Mayhem.

É claro que Jessica não acreditava que sequer Nova Mayhem existisse. Agora, na hora antes do anoitecer, a multidão era a habitual mistura de humanos e vampiros. Os mortais eram confortados pela luz do sol que ainda banhava o mundo exterior, a maioria dos vampiros no salão não caçariam até depois do anoitecer. O garçom de plantão era uma menina de olhos de ébano chamada Kaei. Com sua pele pálida e uma cortina de cabelos com tinta preta caindo das costas, Kaei tinha parecido com os vampiros tradicionais, mesmo quando tinha sido humana. Ela havia nascido em Mayhem e tinha sido responsável pela sua destruição quase completa 300 anos antes. Ela tinha oferecido a Aubrey seu sangue mais de uma vez, e em troca ele tinha provavelmente salvado sua vida uma dúzia de vezes.

— Moira estava procurando por você,— Kaei disse a Aubrey enquanto ele se aproximava. — Ela mencionou algo sobre ajudá-lo a despedaçar o escritor em pequenos pedaços.— . Moira se queixou várias vezes recentemente de que Ash Night o fizera parecer fraco. O autor não precisava se esforçar muito. Embora Moira era forte em comparação com a maioria de sua espécie, ela era um dos mais fracos da sua linha. Ela havia sido mudada a mais de 500 anos antes de Aubrey, mas nunca ganhou a sua força. A maior parte de sua linha tinha sido forte, como seres humanos, que era como eles atraíram a atenção dos vampiros, que acabariam por mudá-los. Fala encontrou e se apaixonou por Moira, em seguida, mudou a mulher humana para salvar sua vida. Apesar da fraqueza de Moira, ela e sua irmã de sangue Fala eram temidas por causa de suas reputações de gostarem de causar dor. Moira tinha nascido antes dos Astecas, e pouco depois foi alterada, ela puxou o coração de um dos seus sacerdotes, com suas mãos.

— Fala perguntou por você também,— Kaei continuou, sua expressão sombria. — Ela estava falando sobre transformar o autor em cinzas*, — fazendo-a ajustar-se melhor ao seu nome.— Diferentemente de Moira, que preferia armas , Fala gostava de fogo.



Aubrey suspirou, não tendo nenhum desejo de lidar com qualquer um dos dois vampiros. — Talvez elas pudessem andar na linha,— ele respondeu cansado. — Faça o que quiser,— Kaei respondeu, sabendo que o que ela dizia raramente importava. Ela foi embora sem dizer uma palavra.

Aubrey puxou uma das garrafas sem rótulo de debaixo do bar. Embora não estivesse exatamente certo do que era, sabia que não iria prejudicá-lo. Ele poderia tomar até um litro de cianeto e não notar qualquer efeito. Algumas dessas garrafas continha vinho, outras licores, e outras sangue que sempre estava frio. Como o bar se mantida estocado era um mistério, já que raramente havia um barman trabalhando e as bebidas eram todas gratuitas.

* Ash – cinzas

Capítulo 10

AUBREY AINDA ESTAVA NO BAR quando ele ouviu uma voz familiar atrás dele.

— Bem vindo de volta, — Jager disse em sua voz normalmente fria. Jager era o segundo mais velho na linhagem deles e um dos poucos vampiros que podiam ser iguais a Aubrey em força pura. Apesar disso, ele raramente estava interessado em lutas.

— Você conheceu Night?— Jager pediu quando Aubrey não ofereceu de imediato a informação.

— Sim, — Aubrey respondeu, não complementado.

— Você o matou?— Era uma questão sem cerimônia. Morte era o modo lógico de lidar com um humano que podia ser uma ameaça a espécie deles. Independente de ela saber ou não, Jessica possuía verdades que eram perigosas para o mundo dos vampiros— e ela tinha escolhido partilhá-las.

— Ela, — Aubrey corrigiu. — Não, eu não a matei.

Ele não sabia bem porque ele não tinha matado Jessica. Não teria sido difícil, e a morte não criaria muito agito, depois de algumas palavras sussurradas na mente de Anne Allodola e os associados de negócios de Ash Night.

— Espero que Risika não seja uma má perdedora quando se trata de apostas, — Jager comentou. — Ela presumiu que você mataria o autor.

— Ela seria, — Aubrey respondeu secamente. O que Jessica pensaria, ele se perguntou, se ela soubesse que haviam apostas sendo feitas sobre a potencial morte dela?

— Posso perguntar por que não a matou?— Jager disse, não disfarçado sua curiosidade.

Aubrey pensou sobre a resposta ele mesmo. A frase — ela é bonita— veio a mente, claro que era verdade. Jessica parecia quase incorporar a graciosa perfeição de um vampiro. Mas Aubrey nunca havia hesitado em matar alguém por ela ser atraente.

Mais que a aparência física dela, Jessica tinha a rara aura de força nela. Aubrey lembrou-se de Ash Night descrevendo ele como se tivesse o mesmo tipo de aura que ele tinha quando era humano, mas ele tinha visto isso em outros. Risika tinha sido uma das exceções; aquela força tinha atraído Aubrey até ela antes dela ter pego a atenção de Aubrey. Agora Jessica era outra.

— A pergunta é muito difícil?— Jager pediu, sua voz paternalista.

Aubrey recorreu a uma resposta simples. — Não estava com vontade.

Jager aceitou a explicação, e os dois vampiros sentaram por um tempo em compatível silêncio.

Repentinamente a ardente Fala apareceu na frente deles.

— Vejo que você retornou do seu pequeno jogo na luz do sol, — ela ronronou para Aubrey. A voz dela era como chocolate envenenado, enganosamente suave e doce. Enquanto roçava em Jager, ela lhe deu um rápido beijo na bochecha.

Fala foi a primeira iniciante de Jager. Nascida no Egito, ela tinha naturalmente pele escura que tinha empalidecido um pouco nos quase 5 mil anos que ela tinha sido uma vampira. O seu cabelo negro estava preso pra longe do rosto por pentes vermelho sangue, mas aquele era o único pingo de cor ao contrário da roupa negra.

— Suponho que tenha encontrado Night, — Fala cuspiu como se o nome não fosse para se mencionado na sociedade política. — Ela está morta, eu espero? Melhor ainda, ela está se contorcendo de dor em algum lugar?

— Ela está viva, — Aubrey respondeu, não a fim de trocar gracejos sádicos com Fala.

— Se importa se eu matá-la para você?— Fala perguntou casualmente enquanto caminhava atrás do bar e derramava um drink para ela da garrafa de Aubrey. — Isso é bom,— ela comentou,erguendo a garrafa para a luz vermelha, que não ajudava a iluminar o conteúdo dela. — Alguém sabe o que é isso?

Ela esvaziou o resto do líquido no seu copo, então jogou a garrafa sem rótulo sobre o ombro. A garrafa quebrou, e várias pessoas nas mesas se viraram por causa do som. Uma humana levantou e tirou vidro do jeans dela, mas não pareceu aborrecida. Vidro quebrado era dificilmente uma ocorrência incomum em Las Noches.

Fala respirou luxuriosamente enquanto se virava de volta para Aubrey e Jager. : Eu amo o som de vidro quebrando. Agora, sobre Ash—

— Não, você não pode matá-la por mim, — Aubrey interrompeu.

— Você vai me parar?— ela pediu, a voz ficando mais baixa, um pouco ameaçadora.

— Eu tenho mais de uma briga com ela que você, — ele respondeu friamente, não se importando de explicar a declaração.

— A menos que ela tenha tirado sangue, Aubrey, você não tem nada,— Fala respondeu, ficando mais perto dele.

Fala estava se referindo a uma das únicas regras permanentes da espécie deles: alegação de sangue. Humanos, ao menos que eles vivam em New Mayhem, eram presas livres para qualquer vampiro. Porém, se um humano tirar sangue de um vampiro, então o humano poderia apenas se caçado pelo vampiro que tinha sido ferido. Se Jessica tivesse atacado Aubrey e de algum jeito o feito sangrar, Fala seria inapta de machucar Jessica sem a permissão de Aubrey.

— Ela não fez, e nunca irá fazer, — ele respondeu.

— Você não admitira ser ferido por humano mesmo que tivesse, — Fala zombou. Ela acabou seu drink e jogou o copo sobre o ombro. — Mas suponho que você não estaria de tão bom humor se tivesse perdido outra luta.

Ela não disse mais nada. Aubrey acertou ela com a mente dele, e ela caiu pra trás no bar, assoviando de raiva. Várias cabeças se viraram para eles, e alguns humanos escolheram aquela hora pra sair de Las Noches; era perigoso ficar na mesma sala com dois vampiros lutando.

Jager ainda estava perto, e estava assistindo a luta com olhos apertados.

— Você se importaria de repetir isso?— Aubrey pediu a Fala, a voz dele era fria como gelo enquanto ele casualmente jogava outro raio de poder nela, fazendo ela se contorcer de dor. Ele nem tinha nem uma gota de suor.

— Aubrey. — Jager falou apenas o nome dele, um calmo mas claro aviso.

Aubrey respondeu recuando o poder dele ao invés de bater em Fala novamente. Jager não começaria uma luta pelo que tinha acontecido até agora; Fala não apreciaria a ajuda. Mesmo assim, Aubrey sabia que Jager era muito afeiçoado a Fala para olhar para outro lado se ela estivesse verdadeiramente ameaçada.

— Maldito seja, Aubrey, — Fala amaldiçoou. Ela fez uma careta, mas era sábia o suficiente para não o insultar novamente.

— Já foi feito, — ele respondeu calmamente.

— Maldito seja novamente!— ela gritou, dando um olhar que teria acalmado serpentes em suas tocas.

— Tarde demais, — ele disse. — E depois de cinco mil anos, eu pensaria que você viria com algo melhor que isso.

Fala rosnou, mas não tentou atacá-lo. Apesar de ser mais velha, ele sempre foi mais forte, e era um lutador melhor. Se ela lutasse também, iria perder.

— Tudo bem, — ela rosnou. — Mas se você não matar a humana, ou não se desfizer dela, eu irei. Está perfeitamente claro pra você Aubrey?

— Sim

No momento seguinte, ambos tinham ido embora, Aubrey se retirou para seu quarto, a musica pesada do clube noturno ecoava através da construção, mas ele estava acostumado a isso. Ele caiu na cama num sono de completo esquecimento. Como a maioria de sua espécie, ele não sonhava.

Capítulo II

QUANDO AUBREY ACORDOU ele foi à beira de Red Rock, a floresta que cercava New Mayhem e margeava Ramsa. A habilidade de instantaneamente mudar de um lugar para outro era um poder que ele usava frequentemente, por mais de dois mil anos.

A lua cheia estava cerca de uma semana de distancia ainda, mas Aubrey podia facilmente sentir algumas bruxas inexperientes e alguns lobisomens à espreita na ativa floresta. Havia também vários vampiros por perto, todos da linhagem de Mira.

Ramsa era supostamente território de Mira, mas isso pouco preocupava Aubrey. Mira, embora antiga, era uma das mais fracas de sua espécie, e seus filhos eram pouco mais fortes do que a maioria dos humanos. Poucos na linhagem de Mira viveram o extermínio deles de Fala algumas centenas de anos antes, e agora eles nem sequer eram considerados como parte da comunidade vampírica. A maioria deles era tão sensível em relação a sua presa que só se alimentavam de animais e seres humanos voluntários.

Havia uma festa acontecendo em uma casa à beira do bosque. Shannon tinha inadvertidamente convidado Aubrey, antes que ele a tivesse aterrorizado. A casa estava cheia de pessoas, e o cheiro fraco de álcool flutuava para onde Aubrey ficou observando, a metros de distância. Ele facilmente alcançava com sua mente e vasculhou os pensamentos de quem estava lá dentro.

As mentes que ele tocou estavam duramente entretidas – ou nebulosas de beber, abobadas de brincadeiras, ou com raiva pela fofoca. Ele encontrou Shannon rapidamente. Ela tinha bebido algumas cervejas e suas defesas caíram; pouco esforço foi necessário para convencê-la a vir para fora sozinha.

Shannon vagou distraidamente para a floresta, e saltou de surpresa quando ela foi de encontro com Aubrey.

— Um... Oi, Alex. — Ela cumprimentou-o provisoriamente, olhando para trás para a casa em óbvia confusão de como ela chegou aqui. Antes que ela pudesse decidir sair, ele alcançou sua mente e seu nervosismo desapareceu.

— Shannon certo?— ele perguntou, dando um passo em sua direção.

— Sim—, ela respondeu com um sorriso tímido. — Por que você está se escondendo aqui no—

Durma. Aubrey enviou o comando para sua mente assim que ele estava perto o suficiente para pegá-la quando caiu.

Ela desmoronou inconsciente em um instante, e ele a pegou sem esforço. Ele poderia ter pegado alguém de dez vezes o seu peso, sem dificuldade. Embora pudesse controlar qualquer humano fisicamente, não apreciava a possibilidade de que a garota gritaria e atrairia atenção inconveniente. Era mais fácil tê-la adormecida enquanto ele se alimentava. Ele fizera isso muitas vezes antes.

Ele inclinou a cabeça de Shannon para trás para expor a artéria, que estava coberto por nada mais do que uma fina camada de pele. Seus caninos, que pareciam bastante normais na maioria das vezes, estenderam-se para pontas afiadas. Estas presas perfuraram a pele de sua garganta com rapidez e precisão, e dentro de instantes ele estava perdido na sensação do rico sangue humano que corria pela sua língua e saciava a sua sede.

Capítulo 12

CARYN TINHA SENTIDO a presença de Aubrey antes mesmo dela ver Shannon deixar a festa com um olhar confuso em seu rosto. Ela sentiu a pressão de sua mente em Shannon.

Caryn não tinha idéia do que ela faria uma vez que encontrasse Aubrey, mas se sentia compelida a seguir Shannon de qualquer maneira. Um grupo de rapazes tinham se agrupado na porta, e Caryn foi mantida por alguns minutos enquanto tentava escapar por entre a multidão. Depois que ela finalmente estava fora, ela levou apenas um breve momento para encontrar o vampiro e sua presa. Ela podia facilmente sentir a aura de Aubrey, que era como uma sombra cintilante apenas fora do espectro normal da visão.

Ela podia sentir o seu poder deslizar em sua pele.

Essa habilidade era um presente de sua linhagem— ou maldição como diriam alguns. Apesar de sua família, a linha Smoke, terem sido sempre curandeiros, a maioria das bruxas eram caçadoras de vampiros. Caryn tinha sangue de uma bruxa, que era mais doce e mais forte que de um ser humano, e o conhecimento de uma bruxa, que a fazia perigosa para os vampiros. Mas não tinha a capacidade de luta. Ela sempre se vira como uma presa fácil, e já tentava uma auto-proteção evitando a sua espécie, a menos que isso significasse arriscar a vida de uma pessoa inocente.

Ao longo de sua infância, Caryn tinha sido ensinado a respeitar a vida, e protegê-la custe o que custar. Ela conhecia Aubrey muito bem para olhar para o outro lado enquanto ele lançava sua isca.

— Aubrey!— ela chamou, logo que o encontrou.

O vampiro estava a vários metros dentro da floresta, segurando Shannon, que estava imóvel. Aubrey tinha um braço em volta da cintura para mantê-la salva de cair, e sua outra mão embalava a volta de seu pescoço. Seus lábios estavam em sua garganta. Shannon estava pálida, mas ainda respirando.

— Aubrey!— Caryn gritou novamente quando ele não respondeu.

Aubrey ergueu os olhos e olhou para ela enquanto continuava a se alimentar. *O que você quer?* ele rosnou.

Caryn pulou ante a intrusão em sua mente, mas de alguma forma conseguiu encontrar sua voz. — Deixe-a ir, Aubrey .

— Isso é uma ameaça?— Desprezo atado a sua voz quando deixou Shannon cair. Ele ironicamente lambeu um rastro de sangue de seus lábios.

Caryn correu ao lado de Shannon. Ela estava inconsciente, mas viveria.

— Quantas pessoas você matou assim?— Caryn exigiu, sua voz vacilante.

— Eu não acho que você realmente quer saber— Aubrey respondeu friamente.

— Você não tem nenhuma consciência?

— Não que eu saiba,— ele disse com indiferença. — Agora, mesmo que eu ame a sua companhia, eu realmente prefiro comer sozinho.

Ele estava gostando disso, Caryn percebeu. Ele poderia facilmente ter evitado o argumento, desaparecendo e encontrando uma presa em outro lugar, mas ele estava jogando com ela.

— Você vai matá-la,— Caryn protestou.

— Então?— ... Aubrey respondeu soando divertido, quando deu um passo em sua direção. Caryn vacilou, mas não se afastou de Shannon. Se ele estava determinado a matar hoje à noite, ela não tinha qualquer esperança de evitá-lo, mas sua consciência não lhe permitiria sair.

— Você está planejando me parar?— ele zombou. — Se você fosse um dos seus primos, eu poderia pelo menos *fingir* estar preocupado ... mas provavelmente não. Assim como é, eu sei que você nunca iria lutar comigo mesmo se você tivesse a força.

Ele estava falando a verdade. Ninguém na sua linha havia prejudicado outra criatura desde Evelyn Smoke, a primeira da linha Smoke que tinha parado de caçar vampiros.

— Por favor, Aubrey— , Caryn suplicou, começava a se desesperar.

— Caryn, vá embora. Você está começando a me aborrecer.

— Deixe-a ir,— Caryn persistiu, embora seu tom não fosse um comando. Ela ficou doente com seu jogo, e pior, preocupava-se com o que iria acontecer quando ele chegasse ao fim de sua paciência.

— Isso alcança um pouco mais,— Aubrey apontou. — Eu só tenho que chamar alguém da casa. Gostaria de dizer que a vida desta garota é mais importante do que, oh, seu namorado? Ou –

— Você está se divertindo, não é?— Caryn finalmente gritou, de pé e avançando em direção a ele quando a raiva deu-lhe coragem.

Esperando que ela continuasse, Aubrey encostou casualmente contra um carvalho. Se ela tivesse sido de qualquer outra linha — Vida, ou Arun, ou até mesmo Light— ela o teria matado em seguida. Mas o último da linha Light havia morrido cerca de 300 anos antes, e as Vidas e Aruns tinha outros vampiros para lidar essa noite. Então, Caryn Smoke fez a única coisa que sua formação lhe permitia fazer nesta situação.

Ela tomou uma calma respiração profunda, estendeu seu braço esquerdo com a palma para cima, expondo o rendilhado das veias pálidas em seu pulso.

— Aqui, ela disse suavemente, quase ocultando seu medo. — Meu sangue é mais forte que o sangue humano.— Sua voz tremeu por um momento, mas ela se forçou a continuar. — Você não precisará me matar.

O olhar de Aubrey cintilou ante ao pulso do coração, mas isso era o único sinal que ele se importava com a oferta afinal. — E o que é que me impede de drená-la até secar?

— A tua palavra que você não vai.

Ela viu a diversão em seu olhar. A situação se inverteu, ela teria entendido o humor. Pegando a sua palavra como sua segurança era como um vampiro aceitar a palavra de qualquer outra bruxa. A maioria das bruxas mentia e quebrava as promessas quase que por hábito, quando se tartava do tipo de Aubrey. Vampiros não eram considerados pessoas, por isso mesmo a orgulhosa linha Vida não tinha dúvidas sobre a

enganá-los. Em geral, apenas a linha Smoke considerava a honestidade importante quando se lida com o tipo de Aubrey.

A palavra dita por um vampiro podia ser quebrada tão facilmente quanto um copo de vinho, e Caryn não tinha dúvidas de que Aubrey não era assim tão frágil. Na realidade, a única coisa que poderia mantê-la viva era a consciência de Aubrey de que matar uma bruxa Smoke traria retaliação imediata de todos os caçadores de vampiros de outras linhas.

O Batimento cardíaco de Caryn acelerou com medo, mas usou toda a disciplina que tinha aprendido para manter a sua decisão e não vacilar.

Aubrey tomou o pulso que ela ofereceu e usou isso para puxá-la em sua direção. Ele colocou a mão na testa e gentilmente inclinou a cabeça para trás. Sua frequência cardíaca triplicou em um instante, mas fechou as mãos em punhos para não tentar se afastar.

Não se preocupe, ela o ouviu dizer em sua mente. Não vai doer.

Ela sentiu um forte ardor quando os dentes perfuravam sua pele, mas desapareceu quase imediatamente. A anestesia combinada da saliva vampírica e sua voz sussurrando em sua cabeça entorpecia a dor completamente. As pernas de Caryn ceederam sob a pressão da mente de Aubrey, e ela sentiu que ele colocou um braço em torno dela para sustentá-la.

Você tem um gosto bom, ele disse distraidamente.

Eu não sei se levo isso como um elogio ou uma ameaça, ela meditou. Seu medo havia desaparecido, e seus pensamentos estavam se tornando incoerentes enquanto perdia sangue e a mente dele reforçou seu domínio sobre a dela.

Caryn tentou se concentrar. A ela tinha sido ensinado tanta disciplina ... porque não podia *pensar*?

Ela tinha sido preparada para a dor, mas não havia nenhuma. Sentia-se extremamente relaxada, como se estivesse flutuando ... Ela estava sonhando ... não estava? Será que isso importava?

Imaginou-se descansando em uma praia no sol quente, ou talvez meditando sobre uma montanha sob a lua cheia. Ela estava relaxada, tranqüila, calma, feliz de esquecer ... Esquer o que?

Caryn tentou se concentrar, mas era quase impossível. A mente de Aubrey puxou a dela, entorpecendo e acalmando. Com um esforço intenso, ela chamou-se fora de seu transe. Havia muito perigo para esquecer o que estava acontecendo.

A mente dele ainda tinha a dela, e era cada vez mais difícil não se deixar cair no vazio sedutor. Mas se ela cedesse, jamais viria para a superfície novamente, ele provavelmente iria matá-la.

Você prefere que isso doa?

Caryn tinha a vaga ideia de que estava provocando Aubrey, mas não podia fazer nada sobre isso.

Eventualmente, após o que parecia ser horas, Aubrey relutantemente se afastou. Caryn desmoronou, subitamente consciente, de novo do seu próprio corpo. Estava tonta e fraca, e seu pulso estava apressado enquanto o coração tentava circular o sangue diluído.

Através da visão enevoada, viu Aubrey hesitar, como se debatendo se ele realmente queria deixá-la ir.

Então, ele desapareceu.

Ela colocou a cabeça para baixo por um momento, tentando limpar sua mente, então, cuidadosamente atravessou a clareira para ter certeza que Shannon estava bem. Esperemos que, quando a menina acordar, ela apenas pensaria que tinha bebido demais. Ela nunca saberia o quão perto estivera de morrer.

Com esse pensamento, Caryn colocou a mão sobre o seu próprio coração, sentindo a batida rápida. Ao contrário de Shannon, ela estava completamente ciente de como a morte tinha escovado perto dela esta noite.

Capítulo 13

JESSICA escreveu durante toda a noite, mas a meia-noite foi quando a inspiração morreu. Ela estava inquieta e sabia que não seria capaz de adormecer logo. A melhor maneira que podia pensar para queimar energia era ir dar uma caminhada.

A lua redonda iluminava seu caminho através da Floresta Red Rock , e ela logo se encontrou em seu lugar favorito: a grande árvore de carvalho cerca de um quarto de uma milha dentro. Retirou-se em um dos seus grandes ramos e relaxou. Algo sobre a noite sempre a acalmou.

Finalmente, sob um dossel de grandes folhas, ela adormeceu.

O coração de Jazlyn trabalhava duro, inútil para sua missão. Seus pulmões ardiam com o esforço constante da respiração. Mas, finalmente ela caiu na feliz inconsciência. Em vez do sono pesado que tinha se acostumado, ela sonhava com o mundo que agora estava tentando escapar. Ela sonhou que estava correndo por uma rua da cidade à meia-noite, perseguindo sua presa assustada. Ela sonhou que estava voando muito acima do deserto noturno na forma de uma águia. Ela sonhou que estava andando em um cemitério, em direção ao túmulo de um marido.

Jazlyn acordou ofegante. Levou alguns momentos para perceber onde estava, que era algo que não lhe tinha acontecido em muito tempo. Sua sobrevivência tinham frequentemente dependido de sua capacidade de despertar instantaneamente.

Durante esses momentos confusos, uma vaga lembrança brilhou em sua mente de encontrar uma bruxa que se chamava Mônica, uma bruxa que se ofereceu para lhe dar de volta sua humanidade duramente perdida.

Mas por que a bruxa—

— Você costuma dormir fora de casa, em árvores?

Despertando assustada, Jessica sentou-se muito rapidamente e quase caiu do seu poleiro. Alex era o que tinha falado. Ele estava sentado, completamente em casa, em outro ramo.

— Você não pode roçar algumas folhas da próxima vez?— ela falou, embora se sentisse começando a sorrir para o estranho, mas bem-vindo visitante.

— Eu quase caí da árvore. Como você chegou até aqui sem eu escutar você?

— Eu voei.

Jessica só balançou a cabeça.

— Bem, se você não gosta, eu vou descer.— Alex pulou do galho e pousou normalmente, como um gato. Jessica seguiu mais devagar, não tendo nenhum desejo de quebrar um tornozelo, por exibicionismo. Eles caminharam sem rumo pela floresta escura, enquanto eles falavam.

— Você não mora em algum lugar? Ou você só me segue o dia todo?— Antes, ela pediu-lhe uma pergunta semelhante como uma brincadeira, mas dessa vez ela realmente queria uma resposta. Parecia um pouco mais que uma coincidência que ele estava aqui hoje à noite.

— Eu moro em nenhum lugar,— Alex respondeu, sua voz grave, apesar do toque de provocação que pôde ver em seus olhos, — e não é dia .

Jessica sacudiu a cabeça novamente, quando percebeu que não havia maneira de obter uma resposta direta dele.

Enquanto ela contemplava esse fato, notou um desenho em seu pulso direito, que só foi visível por causa que sua luva tinha escorregado quando ele pulou da árvore.

— O que é isso?— ela perguntou, apontando para a tatuagem.

Alex arregaçou as mangas para revelar todo o desenho: um lobo negro com olhos dourados e dentes brancos perseguido em seu pulso. Jessica sabia que esta besta, era Fenris, o lobo gigante que engoliu o sol na mitologia nórdica. Aubrey tinha o mesmo desenho em *seu* pulso direito.

Ela respirou fundo para se impedir de falar até que seus pensamentos estivessem sob controle.

Isto não poderia ser uma coincidência.

Nos últimos dias, ela tinha lutado para chegar a uma explicação, — além da possibilidade de que Alex era Aubrey, — o que seriam responsáveis por todas as semelhanças entre os dois. Agora, por fim um cenário impressionantemente óbvio

ocorreu-lhe: Alex era fã de Ash Night. Aubrey foi descrito até o último detalhe no *Tiger, Tiger*.

O que impediria alguém, se ele fosse tão inclinado, de usar lentes de contato preto, uma correspondência pendente, e réplicas de tatuagens de Aubrey? Mas antes que Jessica pudesse comentar sobre tatuagem de Alex, ele perguntou a ela:

— O que você está fazendo aqui tão tarde da noite?

— Eu não conseguia dormir,— ela respondeu, ainda nervosa. — Você?

— Talvez eu *esteja* perseguindo você,— ele brincou.

— Bem, então eu estou lisonjeada,— ela brincou de volta, embora as leves palavras mascaravam pensamentos mais sérios. Se sua teoria sobre o seu fascínio com o vampiro Aubrey provasse ser verdadeiro, o quão longe ele poderia levar este jogo de representações?

Ela começou a caminhar na direção de sua casa, e ele andou com ela. A conversa ficou em silêncio.

— Você ficou quieto, de repente,— Jessica observou. Eles estavam dentro da visão de sua casa, e ela parou de andar para olhá-lo. — O que você está pensando?

Alex suspirou. — Nada que você gostaria de saber.

— Por que você não me diz, e deixe-me ser o juiz disso?— ela apertou.

— Sangue, morte e pessoas que sabem demais,— ele respondeu, sua voz mais cansada do que ameaçadora. — Vá para dentro, Ash Night. Vou falar com você outra hora.

Afastou-se em silêncio, não dando a Jessica uma chance de responder. No momento em que sua mente tinha transformado suas palavras, ele estava fora de vista. Sua raiva se levantou novamente por um instante, em reação ao fato de que outra pessoa tinha de alguma forma descoberto quem Ash Night era.

No entanto, a raiva foi anulada por uma perspectiva que era intrigante, mas assustadora. Se ele era Aubrey, e os vampiros existiam, e ele e sua espécie sabiam quem ela era ... a sua vida poderia acabar sendo muito menor do que tinha previsto.

Capítulo 14

— QUE FOFO,— Fala cuspiu, aproximando-se de Aubrey quando ele entrou no Las Noches. — Repugnantemente fofo.

— Perdão?

Fala riu um som cortante que dizia a qualquer um dentro do campo de audição para tomar cuidado. — Você honestamente acha que eu não estive mantendo o olho sobre a autora, depois de todos os problemas que ela vem causando? E você esteve lá, praticamente *flertando* com ela!

Por um momento Aubrey hesitou, lutando contra o impulso de ver Jessica e certificar-se que Fala não fizera mal a ela depois que ele partira.

— Deixe Jessica em paz, — ele exigiu, sua voz dura. Não era sábio mostrar qualquer apego a um humano, mas ele se recusou a deixar Fala fazer mal a menina.

— O que há sobre esta humana?— Fala zombou. — Aubrey o todo-poderoso, o caçador, o guerreiro, que não sente nada além de desprezo por qualquer coisa mortal... Se eu não soubesse, eu diria que você estava atraído por ela.

Ele riu, em resposta à sua provocação, que ela obviamente, esperara que o incomodasse mais. — Você criou a minha razão, Fala. Qual é o *seu* interesse por ela? Fala, a criança que foi abusada e caçada por quase toda criatura imortal na Terra, a covarde que quer poder sem risco, a deusa falsa... — Ele fez uma pausa e viu a fúria tremeluzir pelos seus olhos em resposta a suas referências a seu passado humilhante, o passado que Ash Night sabia bem demais. — Se eu não soubesse, eu diria que você estava com ciúmes.

Aubrey sabia que esta última acusação era ridícula. Fala odiava-o demais para ter ciúmes de sua atração por alguém, muito menos uma humana. Mas a expressão em seu rosto quando ele disse essas últimas palavras foi impagável.

— Seu vaidoso, arrogante, amante de humanos *idiota*, — Fala rosnou. Em seguida, ela desapareceu antes que ele tivesse a chance de retaliar.



Aubrey ignorou suas palavras e riu enquanto vagou até o bar. Ele não estava preocupado com Jessica no momento. Se Fala a tivesse matado realmente, ela teria deixado claro que tinha feito isso. Ela teria insistido em compartilhar todos os detalhes sangrentos com ele.

Capítulo 15

CARYN RASHIDA ESPEROU dentro da porta da frente, enquanto Anne Allodola foi acordar a filha. Caryn correu possíveis cenários em sua mente pela centésima vez.

— Descerá em um momento,— disse Sra. Allodola assim que voltou.

Caryn assentiu com a cabeça nervosamente. Ela tinha decidido, e dessa vez ela não iria deixar as gélidas opiniões de Jessica fazê-la mudar de ideia. É claro, acordando-a talvez não tenha sido uma boa ideia, mas como deveria saber que Jessica ainda estaria dormindo?

Era quase meio-dia.

Quando Jessica finalmente desceu, Caryn poderia dizer imediatamente que ela tinha um desafio. A aura de Jessica cantarolou com irritação e raiva, bem como uma certa confusão. Logo que ela viu Caryn, as emoções encontraram uma saída.

— Que diabos você quer? Jessica agarrou.

Caryn recuou ligeiramente. — Eu preciso falar com você, Jessica.

— Sobre o quê?

— Alex.

Os olhos de Jessica se estreitaram tão logo Caryn disse o nome, e ela parou de tentar levá-la para fora da porta.

— O que tem o Alex?— Jessica perguntou com cuidado. Quando Caryn olhou para a cozinha, onde Anne não estava tão sutilmente escutando Jessica suspirou. — Vamos lá em cima. Podemos falar em meu quarto.

Caryn hesitou na entrada do quarto de Jessica, que era ameaçadoramente escuro.

Não havia luz, além do brilho que vinha de uma lâmpada com um frasco vermelho na prateleira. Jessica removeu o frasco a lâmpada, de modo que a luz brilhou branco puro, mas que só servia para iluminar monocromaticamente o sombrio quarto.

— Este é seu quarto?— Caryn perguntou antes que pudesse pensar em não perguntar. Ela percebeu uma solitaria faixa de cor: um travesseiro violeta no canto da cama, meio perdido debaixo do edredom preto. Ela perguntou como Jessica reagiria se lhe dissesse que violeta era a cor da humanidade.

Caryn tinha um desejo súbito e irracional para resgatar o travesseiro da negritude. Isso ela poderia fazer muito facilmente. Ao contrário de Jessica, o travesseiro não iria lutar contra ela.

— Diga o que você veio dizer, Caryn, — Jessica resmungou.

Caryn ultrapassou o milhão de roteiros diferentes que tinha preparado para dizer a verdade para Jessica, então descartou todos eles. Ela caminhou até a prateleira e revirou os brutos manuscritos até que encontrou cópia de Jessica de *Dark Flame*.

— Eu ouvi sobre isso,— ela disse. A maioria do mundo, excluindo os seres humanos, tinha ouvido falar de Dark Flame de Ash Night.

Jessica franziu a testa e Caryn poderia dizer que ela estava tentando fazer o comentário ter sentido. Antes que pudesse formular uma resposta, Caryn continuou.

— Como você fez ... a ideia para este livro? E *Tiger, Tiger*? ela perguntou.

Jessica sorriu, parecendo chocada com a simplicidade da questão. — Você veio aqui para me perguntar como eu tive as minhas *idéias*?—

Caryn respirou fundo para se estabilizar.

— Não inteiramente.— Suas próximas palavras vieram em uma corrida.

— Eu queria perguntar se você sabia que eles eram verdadeiros.

Expressão de Jessica foi subitamente drenada de suas feições.

— Saia, Caryn— ela ordenou friamente.

Caryn deu um passo atrás ante a veemência súbita de Jessica. Negação, ela raciocinou. Jessica sabia a verdade, mas se recusou a aceitá-la. Isso fazia todo o sentido, que ela iria lutar contra qualquer um que tentasse convencê-la do que estava tentando desesperadamente ignorar.

Caryn inalou profundamente quando percebeu que estava segurando a respiração pelos últimos segundos.

— O que você sabe sobre Alex?— Caryn pressionou. Jessica era excepcionalmente forte. Quando forçada a ver a verdade, ela seria capaz de aceitá-la. Se apenas Caryn soubesse como convencê-la!

— Eu disse, saia do meu quarto, — Jessica repetiu.

— Você vai pensar sobre o que eu disse?— Além desse pedido simples, Caryn estava sem ideias. — Por favor?

— Se você for sair.— A resposta foi um pouco mais que um grunhido. Caryn enfiou a mão no bolso e tirou a carta que tinha escrito anteriormente, depois de vários rascunhos. Ela estendeu para Jessica, que arrancou da sua mão.

— Feliz agora?— Jessica agarrou.

As enlouquecidas emoções de Jessica estavam começando a fazer Caryn tonta, então ela acenou com a cabeça humildemente e saiu correndo do quarto. Quando ela parou no corredor, desejando que pudesse pensar em alguma maneira de raciocinar como Jessica, ela ouviu a fechadura na porta. Alguns momentos depois, a música alta começou a derramar até o corredor.

Capítulo 16

JESSICA ESTAVA ESPARRAMADA em sua cama com o ruído estridente em seus ouvidos e tentando dar razão para as coisas.

Caryn estava brincando com ela. Ela sabia que as Rashida e Alex tinham alguma relação, pois eles se odiavam muito para ser perfeitos estranhos. Por tudo o que sabia, Alex e Caryn costumavam namorar. Agora eles se juntaram para brincar de ‘vamos mexer com a mente da autora’.

Estava claro, ela admitiu com relutância. A interpretação de Alex, de Aubrey era perfeita. Ela perguntou quem Caryn estava tentando ser. Se fosse um jogo, foi bem planejado e praticado entre eles.

Não há nenhum Se, se repreendeu. Vampiros não existem!

Jessica não tinha amor pelos jogos mentais, especialmente os jogados por idiotas infantis como Caryn. Ela se perguntava se Caryn percebia o quão pouco humor Jessica tinha quando se tratava de seus livros.

Frustrada, ela abriu a carta que Caryn tinha lhe entregara e leu depressa. Então ela leu novamente, mais lentamente, e depois uma terceira vez.

Jessica

Eu percebo o quão confusa você deve estar agora. Eu não sei como explicar-lhe que tudo o que você está pensando agora é verdade. Eu não posso imaginar como você se envolveu neste mundo, tudo que sei é que o que você escreve a coloca em perigo. Com sua permissão, vou tentar te ajudar, mas eu não posso fazer nada a não ser que você me peça. Eu não sou uma lutadora, mas eu conheço outros que são. Se você me deixar, eu vou pedir-lhes ajuda. Fique longe de Aubrey, longe de todos eles. Pare de escrever seus livros sobre eles. Talvez então eles não verão necessidade de destruí-la. Você bem sabe como eles são perigosos.

Por favor, tenha cuidado

Abençoada seja, Caryn Smoke Filha de Macht.

Estou assinando com o meu nome verdadeiro agora. Não quero mentir para você, como todos os outros o fariam.

— O que está acontecendo aqui?— Jéssica perguntou para as paredes pretas. Elas não disseram nada, — raramente o faziam, mas quando ela estava morta de cansado, elas às vezes faziam uma exceção.

Todos os que leram o primeiro livro de Ash Night sabia quem Aubrey era, — como ele parecia, de onde era, como falava, e como pensava. Os dois livros que tinha ido através do escritório de sua editora revelou os cantos escuros do passado de Aubrey e seu presente, e tinha alcançado todo o mundo vampírico para mostrar seus costumes e política.

Nunca mencionara em nenhum desses livros os Smoke, a linha de bruxas ou a mãe imortal deles, Macht, que Caryn tinha tão casualmente referedido em sua carta. Sem pensar consciente, Jessica pegou um dos manuscritos que estava sentado em sua prateleira há meses. Embora não hovesse lido o romance desde que havia escrito, ela se lembrou dos personagens dentro. A história foi criada anos antes, as bruxas nela mencionados seriam ancestrais distantes de Caryn. Jessica sabia, através dos olhos de seus personagens vampíricos, tudo sobre a linha Smoke. Mas *somente* ela deveria ter o conhecimento, porque o manuscrito não foi lido por mais ninguém. A fina camada de poeira sobre o fichário era a prova de que ninguém o tinha pego recentemente. Não havia nenhuma maneira de Caryn poder tê-lo lido.

As palavras da garota ecoaram na mente de Jessica: *E se tudo fosse real? Se os vampiros de Ash Night realmente existissem?*

E mais recentemente: *Eu queria lhe perguntar se você sabia que eles eram verdadeiros.*

Embora Jessica não se aprofundasse muito no mundo das bruxas Smoke, simplesmente porque eram de pouco interesse para seus vampiros, ela sabia suas crenças básicas. Se uma bruxa Smoke estivesse ciente de que alguém estava em perigo, era dever da bruxa protegê-lo ou ela.

Se fosse verdade, Jessica estava certamente em perigo.

Se todos eles foram real ...

Se Aubrey existia, e Jessica o tinha encontrado, então por que ela ainda estava viva? Ele não tinha escrúpulos em matar, e ela mostrou ao mundo cada momento de fraqueza de seu passado. No entanto, quando ela repassou mentalmente as suas

conversas com ele, não havia nenhum sentimento de ameaça. Ele parecia mais flertar com ela do que a caçá-la.

Ela precisava saber se era verdade. Conhecia esses personagens melhor até que Anne. Eles tinham sido seus pensamentos e vida por anos. Se houvesse a mínima chance de que eles eram reais, ela precisava saber.

Ela precisava de provas, e para conseguir isso, ela precisava ver por si mesma.

Capítulo 17

NOS ROMANCES DE JESSICA, New Mayhem era a base do poder vampírico nos Estados Unidos. A cidade, que era escondida do mundo humano, era casa para a classe dominante de vampiros – linha dos Silver, incluindo Aubrey. Sua presença havia dado a ela um toque de escuridão que Jessica sabia que reconheceria se ela a visse.

Ela procurou por seus manuscritos e encontrou várias pistas da localização de New Mayhem, que era vizinha secreta de Ramsa. Ela sempre assumira que tinha localizado New Mayhem perto de Ramsa por familiaridade, mas talvez em vez de algum truque do mundo vampírico *a* tinha levado a se situar *aqui*.

Um de seus manuscritos, sem título neste momento, chamou sua atenção. A história era a de Kaei, o bartender na maior parte humano na boate de vampiro Las Noches. Kaei nascera e fora criado na cidade original de Mayhem. Ela havia sido responsável pelo incêndio que quase destruiu a cidade trezentos anos atrás, e por punição tinha sido ligado pelo sangue a Jager. Kaei não era uma vampira, mas ela não envelheceria enquanto Jager estivesse vivo.

Depois desse episódio, as bruxas praticamente acreditavam que Mayhem havia sumido para sempre. Quando New Mayhem foi construída, as bruxas mortais Macht e as imortais Tristes não foram informadas. Os caçadores de vampiros não sabiam sobre New Mayhem.

Até que *Tiger, Tiger* tinha revelado a sua existência. Jessica silenciosamente contemplou esta última realização enquanto caminhava pela estrada escura em direção à cidade que poderia ou não estar lá.

A caminhada foi mais longa do que ela teria gostado, mas não tão dolorosa assim. Talvez três milhas passaram até que Jessica notou um caminho estreito e sem nome ao lado da estrada. Normalmente ela não teria dado ao caminho uma segunda olhada depois de todas as estradas quase idênticas que ela havia passado, mas esta noite ela viu ao lado da placa o que ela esteve procurando: uma roseira, que subia pela base de um carvalho.

A última das flores ainda estava no arbusto, e quando se aproximou, Jessica viu que a flor era negra. Por mais de quinhentos anos, os vampiros usaram uma rosa negra como símbolo.

Ela ajoelhou-se por um momento, seus dedos repousando sobre as pétalas sedosas da rosa enquanto ela tentava acalmar sua respiração. Ela não precisava mais ver

a cidade para se convencer de que tudo era verdade, embora sua mente ainda pudesse protestar, ela acreditava apesar disso. Agora havia uma razão mais atraente para seguir o caminho. Ele a levaria para casa. Ela tinha visto New Mayhem através de dezenas de pontos de vista, mas nunca tinha sequer vislumbrado com seus próprios olhos, enquanto ela caminhava, teve a estranha sensação de que ela estava finalmente a caminho de casa.

O caminho continuou pelo que parecia um tempo interminável. Andar por esse caminho era um teste de coragem que a maioria das pessoas teria falhado. A escuridão era opressiva e a floresta estava estranhamente silenciosa. O isolamento pressionava-se contra ela como um peso físico. No entanto, sem medo, ela saudou a noite e a solidão como velhas amigas.

As árvores começaram a diminuir tão gradualmente que dificilmente Jessica notou a mudança até que viu o primeiro edifício em New Mayhem. Era Nyeusigrube, que significava "covil de sombras." Jessica conhecia bem o nome.

Ela encostou-se ao lado do edifício, as pernas fracas de repente quando a verdade a atingia nas vísceras.

Ela estava praticamente paralisada de choque, mas não de negação. Ela acreditava; ela não teve escolha senão acreditar.

A rosa negra era o símbolo dos vampiros por mais de quinhentos anos; isso só era assustador. Mas quinhentos anos poderia ter sido o piscar de olhos para alguns dos personagens de Ash Night, e por um momento, Jessica sentiu o peso de todas as vidas que fazia malabarismo em seus livros. Milhares de anos de amor e ódio e dor e prazer, de alguma forma haviam sido comprimidos na mente subconsciente mortal de Jessica.

Por um momento ela se perguntou se deveria ficar aqui ao invés de retornar ao seu mundo humano. Ela poderia desaparecer como Mayhem havia desaparecido trezentos anos antes.

Mas tão tentador como o mundo de Ash Night poderia ser, Jessica sabia que um humano em New Mayhem era visto como um ser inferior. Em comparação com os vampiros, os mortais eram crianças fracas e tolas. O orgulho de Jessica não permitiria que ela fosse submissa a esses personagens sobre cujas todas as fraquezas ela havia escrito.

No entanto, não havia nenhuma maneira para que ela simplesmente virasse as costas e ignorasse o que ela sabia. Em vez disso, ela teve um desejo irracional – não, uma *necessidade* – de ver as criaturas de seus romances.

Em torpor, ela fez seu caminho para o coração de New Mayhem, não hesitando em abrir a porta e entrar no caos conhecido como Las Noches.

Jessica não podia dizer se era a sala ou sua cabeça que estava girando. Seu reflexo estava distorcido descontroladamente pelos espelhos quebrados, e os móveis de madeira negra pareciam dançar nas luzes em movimento.

Quando ela simplesmente permaneceu do lado de dentro da porta, foi atingida por um forte sentido de reconhecimento e recuou um passo. Ela conhecia quase todos na sala.

A esguia mulher de pele escura encostou-se ao bar. Ela levantou o copo de cristal que segurava e tomou um gole de um líquido viscoso vermelho que Jessica não tinha nenhum desejo de identificar. Ela reconheceu a vampira, no entanto: era Fala.

Fala olhou para cima, e seus olhos negros imediatamente caíram sobre a autora humana com desgosto.

Bem-vinda ao meu mundo. A voz gélida de Fala ecoou pela mente de Jessica, enviando um frio na espinha. *Ou é o seu mundo?*

Jessica sabia que ela estava sendo testada, mas ela só sacudiu a cabeça. *Não é meu,* ela pensou em resposta, sabendo que Fala iria ouvi-la.

Malditamente certo. A vampira anciã levantou o copo como se fizesse um brinde. *Ao conhecimento e à dor.*

Entendendo a ameaça, Jessica se virou e saiu rapidamente. Ela não tinha vontade de se envolver em qualquer tipo de confronto com Fala.

Do lado de fora de Las Noches ela parou e se encostou na parede fria, esperando que as tonturas diminuíssem. Mas depois de um minuto ou mais, forçou-se a se mover. Embora os vampiros não tivessem permissão para matar seres humanos dentro de New Mayhem, Jessica duvidava que alguém se oporia se Fala estiver fazendo uma exceção no caso da autora Ash Night.

Capítulo 18

JESSICA TINHA ACABADO DE SAIR de Nova Mayhem, ainda na floresta que cercava o único caminho de volta para o mundo humano, quando ouviu o farfalhar de folhas atrás de si.

Girando para enfrentar a potencial ameaça, ela soltou um suspiro apertado quando viu Aubrey.

Ele havia assassinado qualquer ilusão do ser humano Alex Remington. O pingente de ouro tinha sido substituído por uma coleira com espinhos, e ele estava vestindo uma camiseta preta que abraçava sua forma e mostrava muitos dos desenhos em seus braços: Fenris no pulso direito, e Echidna, a mãe grega de todos os monstros, no alto de seu braço esquerdo. A serpente Norse mundo estava envolto em torno de seu pulso esquerdo, e um novo design tinha sido recentemente acrescentado: Cérbero, o cão de três cabeças que guardava os portões de Hades. A Serpente do Sub-Mundo estava parcialmente coberta por uma bainha de couro preta, que mantinha uma faca prata que Aubrey havia tomado de um caçador de vampiros alguns milhares de anos antes.

Seu cabelo estava um pouco bagunçado, como se tivesse estado correndo, e alguns fios caíram em seu rosto.

Olhando para ele agora, Jessica não conseguia imaginar como o confundiu com um ser humano. Mas a ilusão era a arte de Aubrey. E era simples enganar as pessoas que não esperavam mais nada.

No momento, Aubrey pareceu ser exatamente o que ele era: impressionante, travesso, e completamente mortal, tudo de uma vez. Ela podia sentir a aura de poder que pairava sobre ele, uma sensação palpável como um bolso de ar fresco na noite calma. Aqui, além dos confins do mundo iluminado pelo sol, Aubrey era cada centímetro de sombrio e sedutor vampiro do mito popular.

— Indo embora tão cedo?— ele perguntou, lembrando por um momento de Nova Mayhem.

Os pensamentos de Jessica viraram-se para Fala. — Eu poderia ter ficado mais tempo, mas as ameaças foram um pouco desanimadoras.— Seu tom era leve, apesar da verdade em suas palavras. Ela sempre tinha preferido sarcasmo e piadas ao medo e à contestação.

— Muitos estão pedindo o seu sangue,— Aubrey respondeu sério — mas há realmente muito poucos de minha espécie que se atrevem a matá-la.

Ela não conseguia ler a emoção em seu rosto, enquanto ele dizia essas palavras, mas havia algo ali, logo abaixo da superfície - um significado que ela havia perdido. No entanto, ela sabia o perigo de manter o olhar de um vampiro, então ela não tentou ler a verdade em seus olhos, como se ela pudesse ter feito o contrário.

Ao invés disso, ela se adiantou, na ofensiva. Eestava cansada de adivinhação.

— Eu suponho que você é um dos poucos,— ela disse, mas de alguma forma as palavras não soaram verdadeiras.

A voz de Aubrey quando ele respondeu foi suave.

— Eu sou uma das razões pelas quais eles não ousariam.

— E por que isso?— ela apertou, movendo-se ainda mais perto.

Ele não respondeu, mas olhou para ela, o olhar em seus olhos perturbadoramente intenso.

— Eu não gosto de ficar brincando, Aubrey,— Jessica anunciou, forçando seus pensamentos de volta ao foco. — Se você ou alguém está planejando me matar, então, faça isso. Eu tenho coisas melhores a fazer do que esperar você agir.

Aubrey parecia vagamente divertido, mas ao mesmo tempo, ela poderia dizer que ele estava ficando na defensiva. Ela sabia que ele não estava acostumado a ouvir qualquer ser humano falar com ele corajosamente. Ainda assim, ele levantou uma sobrancelha, convidando-a a continuar.

Ela respondeu golpeando-o, forte o suficiente que sua cabeça virou para o lado e sua palma pinicava.



O ato não havia sido planejado. Impaciência, raiva e confusão vinham crescendo em seu sistema por muito tempo e tinham simplesmente chegado ao seu apogeu. Ela queria que ele a levasse a sério, e agora ele iria. A expressão no rosto dele tinha mudado para choque puro. Jessica sabia que ele tinha matado muitos seres humanos por menos, mas agora ela estava muito agitada para sentir medo.

Capítulo 19

A AGITAÇÃO DE AUBREY rivalizava com a de Jessica. Ele nunca havia ficado mais surpreso com um ser humano do que neste momento. Apesar do fato de que ela havia acabado de cometer um chocante ato imprudente, a expressão em seu rosto era totalmente destemida.

Ela se aproximou de novo, agressiva. Os cabelos de ébano tombados para baixo de seus ombros como uma cascata de meia-noite.

— Bem? O que o seu tipo quer comigo?— ela exigiu. — Por que ainda não estou morta.

— Isso parece ser um ponto de conflito— ele respondeu, tentando manter sua voz indiferente.

— Você é o único aqui. O que te impede?— Ela desafiou, encontrando o olhar dele sem a menor hesitação.

Ela parou na frente dele, os braços sobre o peito, cabeça erguida, como se estivesse olhando para baixo, cabelos pretos chacoalharam do seu rosto, olhos verdes fortes e desafiantes. Sua postura inteira gritava ‘predador’.

A mentalidade predatória era algo que você nascia ou não nascia. Mesmo alguns vampiros ainda agiam como presa. Jessica agiu como se não tivesse medo de nada.

— Então?— ela disse, avançando novamente. Ela estava deliberadamente invadindo seu espaço, obrigando-o a reagir.

— O que você quer de mim?— Aubrey perguntou finalmente. Sua mente estava em branco para ele no momento. Apesar de todos os anos que passou aprendendo a manipular todas as situações, ele não tinha idéia do que ela queria que ele fizesse.

— Eu sei tanto quanto você sobre a sua espécie,— Jessica disse.— Provavelmente mais. Eu escrevi tudo isso e permiti que os outros seres humanos lessem.

Eu mesmo disse a eles sobre a única luta que você já perdeu em sua vida. E eu não vou parar de escrever, não importa quantas vezes a sua espécie me ameace com a morte. Eu não tenho medo do inevitável. — Ela deu mais um passo para frente, então ela estava cuspiendo as palavras em seu rosto. — O que você quer fazer sobre isso?

Jessica olhou dentro de seus olhos sem medo. Ela estava tão perto que podia sentir a respiração dela, mas ele se segurou no chão, seus braços imóveis ao seu lado. Eles estavam trancados em um desafio que era como um confronto entre dois gatos selvagens, cada um se recusava a ser o primeiro a desviar o olhar.

Aubrey foi atingido pela cor de seus olhos: um verde perfeito, ele nunca tinha visto antes em qualquer ser humano - de alguma forma incrivelmente profunda. Por um momento, ele experimentou a desorientação que sabia que seu próprio olhar tantas vezes havia causado.

Seu choque agora estava completo. Jessica olhara nos olhos dele descaradamente, e ele foi o *único* a estar preso.

Ele piscou uma vez, tentando limpar sua mente, seus pensamentos se voltaram para a pergunta dela.

Nos últimos dias, ele ocasionalmente queria estrangulá-la pelo seu conhecimento não apreciado e inocência teimosa, e ele tinha uma ou duas vezes alimentado a idéia de simplesmente afundar seus dentes em sua garganta exposta e terna, que a roupa que ela usava hoje exibida isso tão bem. Na maioria das vezes, porém, ele teve o impulso de fazer exatamente o que queria fazer agora.

— O que eu quero fazer sobre isso? — ele pensou em voz alta.

Jessica engasgou quando ele passou um braço pela cintura dela e puxou-a para a frente para fechar os poucos centímetros restantes entre eles. Antes que pudesse reagir, ele pegou os lábios com os seus próprios. O beijo foi forte, mas muito rápido, e então ele se forçou a se afastar.

Capítulo 20

JESSICA FICOU ATORDOADA por alguns minutos após Aubrey ter desaparecido, então caiu para trás contra uma árvore e tentou fazer sentido do mundo.

Ela pensou que estava enfrentando a morte hoje à noite. Ela tinha resolvido enfrentá-lo com firmeza. Em vez disso ...

A cena se reproduziu em sua mente , quadro a quadro. O silêncio enquanto ela esperava por Aubrey para responder seu desafio. A visão dele ali como uma criatura formada a partir da própria respiração da noite.

Finalmente houve a breve sensação de seus lábios nos dela, antes que ela pudesse responder, foi potente o suficiente para fazer todos os pensamentos em sua mente perderem a coesão.

Se ele tivesse simplesmente a matado, teria entendido. Mas isso ... isso ela não conseguia explicar.

O ar da noite não fez nada para resfriar seus pensamentos enquanto se dirigia para casa, finalmente quando escorregou para dentro da casa era quase uma da manhã. O sono sumiu, então passeou em seu quarto por quase uma hora antes de ligar o computador com a esperança de perder-se em sua escrita. Algum tempo pouco antes do nascer do sol, a exaustão finalmente reivindicou sua mente inquieta. Ela sonhou.

Por alguns momentos, Jazlyn não sabia o que tinha acontecido ou quem ela era. Ela tinha vagas lembranças de se encontrar com uma bruxa que se chamava Monica Smoke, uma bruxa que se ofereceu para dar-lhe de volta sua humanidade perdida. Mas por que a bruxa fez esta oferta? Por que Jazlyn aceitou? Tudo estava tão fraco em sua mente. Monica tinha estado com medo até de falar com Jazlyn. Por que devolver a vida que Jazlyn tinha de bom grado jogado fora?

A mente de Jazlyn voltou para a noite que havia morrido.

Ela havia conhecido durante anos os cabelos pretos, a criatura de olhos verdes que chamava a si mesmo de Siete, e à ela tinha sido oferecido a imortalidade, muitas vezes. Ela havia se recusado a cada vez. Afinal, ela tinha 25 anos e tinha um marido, e a vida era perfeita.

Siete tinha duas vezes transformado seres humanos contra a sua vontade, e ambas às vezes o resultado foi desastroso, por isso ele aceitou as recusas Jazlyn com boa graça. Então tudo tinha mudado. Carl, o amor de sua vida, seu marido há três anos, foi atropelado por um motorista bêbado. Ele morreu em uma cama de hospital enquanto ela chorava na sala de espera.

Seus pais haviam ambos morrido vários anos antes, e seus amigos eram poucos e distantes entre si. Não havia nenhum ombro que pudesse chorar. O único que estava lá para ela era o imortal Siete.

Ela ainda disse que não. Imortalidade não era o que ela queria. Imortalidade sem Carl não tinha sentido. Ela queria apenas ser deixada sozinha e ter um tempo para lamentar. Até isso foi negado a ela—

Uma batida na porta acordou Jessica.

Ela levantou a cabeça do computador e esfregou os olhos quando ouviu Anne chamar seu nome. De acordo com o computador de Jessica, era apenas dez da manhã.

Dormir em sua mesa por cinco horas a tinha deixado com algumas torções no pescoço. Ela se levantou e estendeu, em seguida, desligou seu computador e abriu a porta para responder a Anne.

Anne, vestindo sua melhor roupa de domingo, estava prestes a bater à porta de Jessica novamente.

— Você está acordando cedo ou é o meu relógio que está errado?— Jessica perguntou, confusa a respeito de porque Anne estava toda arrumada para a igreja quando não tinha necessidade de partir por uma hora.

— Eu disse a Hasana Rashida que encontraria-a para tomar um café antes do serviço—, explicou Anne. — Hasana é a mãe de sua amiga Caryn. Você já conheceu-a?— Jessica balançou a cabeça uma vez e conseguiu não acrescentar nada que pudesse ofender Anne.

— Caryn estará conosco, você gostaria de vir?— Anne acrescentou esperando. Ela ofereceu o convite a cada semana, apesar de Jessica nunca aceitar. Parte do sonho de Jessica gritou para ela: Monica Smoke. Se alguém sabe sobre Jazlyn, serão os parentes de Mônica.

No entanto, ela não tinha vontade de jogar conversa fora com Caryn e Hasana, por isso recusou a oferta, decidindo em vez disso, falar com um deles fora da igreja. Ela

tomou um banho e se vestiu lentamente, enquanto Anne reunia seus pertences e saía de casa.

Andando a pé, Jessica chegou à igreja cerca de quinze minutos antes que a missa começasse. Ela esperou na esquina do edifício quando Hasana, Caryn, e Anne se aproximaram, rindo. Ela não tentou obter atenção, e vagamente percebeu que ela lembrava um de seus personagens, perseguindo uma presa.

Quando Hasana e Anne se perdiam na multidão perto das portas da igreja, Jessica pegou o braço de Caryn.

— Caryn, eu preciso falar com você, — ela disse em tom abafado. A menina pulou um pouco, mas pareceu relaxar quando viu quem a tinha agarrado. Elas saíram do grupo e para uma área menos movimentada do adro.

— Sobre?— Caryn perguntou.

Mas antes que Jessica pudesse responder, Caryn engasgou. Seu rosto congelou em um olhar de horror quando ela apontou para a parede lateral da igreja.

Jessica levou alguns momentos para registrar o que Caryn estava vendo. O segundo que ela fez, ela se dirigiu pelo quintal – em direção a Anne e o vampiro que a tinha em seu alcance.

Jessica não reconheceu o vampiro, o que supostamente era um bom sinal, se ela não tivesse escrito sobre ele, ele provavelmente não era muito forte. Ela estava contando com esse fato.

Puxando o vampiro para longe de Anne, ela bateu seu punho em sua mandíbula, antes que ele pudesse até mesmo descobrir o que estava acontecendo. Anne tropeçou de costas contra a parede, e Caryn e Hasana, de lados opostos do adro da igreja, correram para seu lado. O resto dos fiéis, claramente sob o controle da mente do vampiro, continuou a bater papo e fazer o seu caminho alegremente para dentro do prédio.

Antes de Jessica ter a oportunidade de verificar Anne, o vampiro se virou e bateu tão forte que ela se encontrou no chão, a cabeça girando.

O vampiro olhou nervosamente das bruxas e Anne para o grupo de pessoas perto das portas da igreja, e Jessica poderia ver tudo, exceto seus pensamentos. Se Caryn e Hasana interferirem, ele não seria capaz de manter seu controle sobre a multidão, e este confronto poderia ficar ainda mais confuso.

Então ele olhou para Jessica, olhando ferozmente por um longo momento. Ela tentou se levantar, mas não conseguiu encontrar equilíbrio, ele provavelmente tinha-lhe dado um choque com aquele toque de pouco de amor. Ela se preparou para seu próximo golpe. Mas ele se foi.

Por que ele a deixou quando poderia tê-la matado em um instante? De repente a conversa de ontem à noite apareceu de volta em sua cabeça.

Há realmente muito poucos de minha espécie que se atreveria a matá-la. Acho que você é um dos poucos.

Eu sou uma das razões pelas quais eles não ousariam.

— Obrigada, Aubrey,— ela disse suavemente.

Caryn mudou do lado de Anne para o de Jessica. Seu rosto estava pálido, e ela não disse nada por um momento.

Jessica tentou ficar de novo de pé, e uma onda de escuridão passou sobre sua visão. Caryn colocou a mão em seu braço para ajudá-la levantar, então gentilmente tocou o lado da cabeça de Jessica, onde o vampiro havia batido nela.

Jessica empurrou para trás quando sentiu a onda quente de energia que fluiu de Caryn.

— Jessica-

— Estou bem— , ela retrucou, enfurecida por sua própria fraqueza. Ela se recusava a aceitar a ajuda de Caryn.

Mas quando se afastava, ela se forçou a acrescentar: — Obrigada.— A tontura desaparecera completamente.

Como seus pensamentos se focaram, Jessica perguntou: — E sobre Anne?—

Caryn olhou para a mãe, que apenas balançou a cabeça.

As pernas de Jessica saíram de debaixo dela.

— Jessica, eu sinto muito ...— Hasana estava falando, mas Jessica mal ouviu as palavras.

Caryn tentou tirar a mão dela, mas ela sacudiu-a e foi para o lado de Anne. Anne estava pálida, mas Jessica poderia dizer que não era a perda de sangue que tinha matado-a. O vampiro não teve tempo, então ao invés disso ele tinha quebrado o seu pescoço.

Ela dobrou suas mãos em punhos, com tanta força que as unhas tiraram sangue de suas mãos. Por que ele a matou? Ele tinha feito isso intencionalmente, não apenas para se alimentar.

Quando ela pegou a mão da mulher morta, Jessica viu um pedaço de papel dobrado não mão de Anne. Puxando-o para fora, ela não precisava ler mais do que a primeira linha antes dela reconhecer como uma página do manuscrito *Dark Flame*. Era uma página na qual era descrito Fala.

Rabiscado no verso, com tinta preta afiada, foram quatro palavras: *Fique em seu lugar*.

Jessica viu-se tremendo de raiva, o vampiro sem nome que havia matado Anne, e especialmente por Fala, que deve tê-lo colocado no caminho.

Fala nunca teria sido capaz de convencer um de sua espécie para ir diretamente contra Aubrey, mesmo que por algum motivo ela não quisesse matar Jessica com as próprias mãos. Mas Anne era uma presa livres e indefesa.

Hasana colocou a mão no ombro de Jessica. — Venha, Jessica. Existem outras pessoas para lidar com isso. Você não precisa ficar aqui.

Jessica tirou os ombros fora da aderência de Hasana, ainda olhando para o único humano que sempre se preocupou em cuidar dela.

Capítulo 21

AUBREY PASSEAVA EM SEU QUARTO, como tinha feito logo depois que conheceu Jessica Allodola, tentando racionalizar as suas emoções. Era quase meio-dia, e ele ainda estava acordado, o que era suficiente para deixá-lo irritado. Juntamente com sua confusão sobre o confronto da noite passada, ele estava muito no clima para uma briga. Ela o tinha encarado. Ele não podia deixar de a respeitar por isso. Sem mencionar seu desafio, desafio suicida—

Não tão suicida, ele lembrou-se, interrompendo o seu próprio pensamento. *Ela ganhou, afinal.*

Jessica era como uma víbora de areia: bonita, não aparentemente formidável, mas destemida e mortalmente venenosa.

— Maldita seja, Fala — ele sussurrou enquanto insultava a vampira ecoou em sua cabeça: *Se eu não soubesse melhor, eu diria que você está atraído por ela.* — Por que você não está sempre errada?

Claro, havia mais do que a atração física que Fala havia especulado. A realidade era muito mais perigosa, tanto para sua própria posição, —como era qualquer apego emocional a um ser humano, — quanto para Jessica, se qualquer um de seus muitos inimigos adivinhase a verdade.

Furioso consigo mesmo por deixar essa menina alcançar abaixo de sua pele, ele entrou em Las Noches, onde foi imediatamente interceptado por Fala. Aparentemente, ele não foi o único que não conseguiu dormir esta manhã.

— Você não a matou,— Fala acusou logo que o viu. — Ela estava animadíssima em torno de nossa terra, como se ela possuísse isso, praticamente implorando pela morte, *e você não a matou.*

— Não, eu não fiz— , ele respondeu com um grunhido.

— Aubrey—

— Qual é a sua obsessão em matar esta humana?— ele vociferou.

— Ela é uma ameaça,— Fala respondeu calmamente, obviamente, satisfeita pela forma como ele estava perto de perder seu controle. Ela parecia quase divertida, o que o fez desconfiar. Fala era inteligente, era a mais provável de descobrir seus sentimentos para com Jessica.

— E como é isso?— Ele argumentou. — Só porque ela escreve sobre coisas que quase todos os vampiros do mundo já conhece, e a maioria dos mortais ignora como ficção?

— A *maioria* é a palavra chave lá, Aubrey,— Fala censurou. — Você esqueceu que aquelas-não-tão-insignificantes mortais chamam-se caçadores de vampiros? Kala está *morta*, Aubrey. Sua irmã de sangue, a segunda principiante de Ather. E ela foi executada por uma bruxa praticamente nos degraus da frente de Las Noches. Essa bruxa nem sequer sabia que este lugar *existia* se não tivesse sido por Ash Night.

— Jessica não tem nada a ver com a descoberta de Las Nocher por Dominique Vida,— Aubrey argumentou. — E desde quando você está com medo dos caçadores de vampiros?

Fala soltou uma meia maldição, meio grito, quando começou a perder a paciência. — O que é que ela vai escrever a seguir, Aubrey? A única razão dela ter chegado tão longe é porque *você* está protegendo-a. Bom, você já estabeleceu o seu poder. Agora, por que você não a *mata*?

Ele se afastou dela, recusando-se a responder.

Atrás dele Fala riu. — É verdade, não é? Você está atraído por ela. Eu estava certa o tempo todo.

Aubrey cambaleou para trás em torno de como as palavras bateram nele.

— Ela é uma mulher jovem de boa aparência, eu admito,— Fala continuou. — Mas isso não é a questão, é? você -?

— Fala,— ele advertiu, sua voz perigosa.

— Não é tão incomum que, você sabe,— ela continuou, soando ainda mais divertida. — É a maldição da nossa espécie, você poderia dizer. *Amor*— . Ela cuspiu a palavra como se fosse algum tipo de inseto.

Finalmente a voz Aubrey voltou. — Não mais verdadeiro do que no seu caso. Isso não é *maldição*, como você coloca, por que você está aqui? Não é por isso que Jager transformou você em primeiro lugar?— Jager e Fala se conheceram quando ela estava à espera da morte em uma das células de areia do antigo Egito. Ele havia a transformado no mesmo dia. Ainda era óbvio para qualquer idiota como eles se gostavam.

Fala começou a retaliar, mas ele continuou. — Sem mencionar Moira. Parece que a terrível doença infecciosa atingiu-lhe várias vezes.— Os olhos de Fala se estreitaram com a menção de sua amada Moira.

Então ela suspirou. — Olha o que ela fez com você, Aubrey,— ela disse, com voz suave, quase simpática. — Mate-a ... ou transforme-a. Se você estiver realmente gostando tanto dela, dê-lhe seu sangue. Faça o que quiser com ela, mas *pare-a*.— Ela parou, subitamente nervosa. — Você sabe, Silver uma vez deu esse mesmo conselho a Jager — sobre Kaei.

Aubrey lembrou o argumento, que ocorreu logo após Kaei ter cortado o braço de Silver e pouco antes dela pôr fogo na maioria dos Mayhem.

— Não creio que seja relevante,— Aubrey respondeu. — Jessica, certamente não vai –

— Eu acho que é muito relevante,— Fala interrompeu. — Jager recusou a matá-la.

Capítulo 22

HASANA insistiu que Jessica fosse para casa com elas, em vez de permanecer com a polícia e as unidades de saúde. Não importava quais seus sentimentos pessoais para com Jessica, Hasana ainda era uma mãe, e Jessica podia ver o cuidado maternal em tudo o que ela fazia.

Jessica se recusou primeiramente a ir a qualquer lugar com a família Smoke, mas desistiu quando Hasana mandou Caryn ir buscar seus pertences, incluindo seu computador. Pelo menos elas entenderam que não iria a qualquer lugar sem uma maneira de escrever.

A sua raiva sobre a morte de Anne havia sido substituída por uma apatia deprimente tão avassaladora que, quando foi confrontada, no momento em que ela entrou pela porta de Rashidas, por Dominique Vida, ela nem se incomodou em dar uma resposta mordaz.

Dominique, apesar de sua beleza clássica, tinha todas as habilidades sociais e o calor de um pingente de gelo. O ar perto dela cantarolou com energia estritamente controlada. Talvez a apatia fosse útil, caso contrário, Jessica poderia ter tentado matar Dominique no local.

Ao contrário da linha Smoke, Jessica conhecia Dominique e seus parentes também. Dominique havia assassinado muitos dos vampiros que Jessica tinha conhecido e cuidado, por isso a menina tinha desenvolvido um ódio profundo pela bruxa antes que tivesse sequer a conhecido.

Somente quando Caryn colocou uma mão no ombro dela, que Jessica percebeu que estava olhando mortalmente na direção de Dominique. A caçadora de vampiros estava totalmente devolvendo o brilho.

— O que *ela* está fazendo aqui? — Dominique exigiu.

Caryn tomou a iniciativa de levar Jessica para longe em um quarto de hóspedes, enquanto Hasana tratava da pergunta de Dominique.

— Você deveria descansar um pouco,— Caryn sugeriu, tentando puxar Jessica fora de seu mundo interior de morte, dor e ódio.

— Só se houver uma maneira de garantir que ninguém me matará durante o sono,— Jessica respondeu, olhando para a porta como se Dominique pudesse vir da sala a qualquer momento.

Caryn olhava horrorizados. — Ela não ...— Ela parou. — Por que ela iria querer machuca-lá?

Jessica deu de ombros. Essa pergunta tinha uma resposta fácil, pelo menos. — Porque não posso deixar de odiá-la,— ela respondeu com sinceridade. — E porque ela sabe que eu preferiria ser um vampiro do que me ariscar ser a presa deles.— Jessica pensou de volta para a pobre Anne, que estava tão morta, não importando quantos vampiros Dominique e seus parentes tinham matado.

— Eu vou manter isso em mente,— respondeu Dominique, que tinha acabado de entrar no quarto, com Hasana atrás dela. Caryn empalideceu.

— Ninguém vai machucar ninguém em minha proteção,— Hasana disse com firmeza. — Jessica, você não sabe o que você está dizendo agora –

— Ela sabe,— Dominique interrompeu. Virando-se para Jessica, ela disse claramente: — Se você prefere estar com eles, então vá. Eu não vou parar. Mas se você escolher o seu lado, então eu não vou protegê-la, tampouco.

— Eu não preciso de sua proteção,— Jessica resmungou em resposta.

— Jessica, por favor, descanse um pouco,— Hasana persuadia. — Dominique, deixe a pobre moça em paz. Sua mãe está morta.— Ela acompanhou Dominique para fora da sala. A caçadora foi de bom grado, ela havia dito tudo o que precisava dizer. Jessica não tinha vontade de dormir, e ela disse a Caryn.

— Você deveria tentar,— Caryn respondia. — Isso vai ajudar a limpar sua mente.

Em vez disso, Jessica começou a andar.

Caryn pegou seu braço, e apenas alguns segundos depois, o sono a envolveu. Mais tarde, o pensamento ocorreu-lhe que, apesar da passividade habitual de Caryn, ela ainda

era uma bruxa forte. Ela teve facilidade em induzir o sono na mente tensa de Jessica.

Jazlyn disse não. A imortalidade não era o que ela queria. Ela queria ser deixada sozinha e ter tempo para lamentar. Mesmo isso foi negado dela.

Uma semana depois da morte de Carl, Jazlyn soube que estava grávida. Olhando para ela, ninguém teria sido capaz de dizer, mas os testes positivos tinham retornado.

Por que o universo não a deixava sozinha? Ela tinha apenas 25, e era uma viúva. Como ela poderia criar um filho sozinha? O filho de Carl merecia mais do que ela, que ainda estava de luto, poderia proporcionar.

Um Deus cruel lhe deu vida.

A próxima vez que Siete a visitasse, Jazlyn não diria não. Ela sabia qualquer vida que acordasse não seria a vida que estava vivendo.

Mas qualquer decisão tomada por desespero é lamentada mais tarde. O mundo da noite eterna e ilegalidade não era melhor que o mundo humano que tinha fugido, mas Jazlyn não tinha mais opções.

Os anos se passaram e desbotaram, sem sentido e vazio. Muitas vezes Jazlyn encontrou-se lembrando de coisas como a praia em que Carl a tinha pedido em casamento.

Lembrou-se de ter casado ao ar livre e a lua de mel na França.

Lágrimas vinham com frequência. Não era isso que ela queria afinal.

Acabara de chegar o dia dos Namorados em 1983, Jazlyn visitou o túmulo de Carl, pela primeira vez desde o seu funeral. Ela tirou a fina camada de neve e leu a pedra pela primeira vez: " .. Carl Raisa, 1932-1960 - 'Eu irei sorrir do céu sobre aqueles que eu amo. Minha morte não é o meu fim, e no céu eu devo encontrar o meu amor novamente.'"

Mas ele não iria, porque ela nunca ia chegar ao Céu. Sua espécie era maldosa, tinha matado tantas vezes para saciar a sede de sangue que ela nunca seria perdoada. Jazlyn estava chorando no cemitério nevado, naquela noite dos namorados, perguntando por que o mundo tinha escolhido-a para atormentar.

Foi aí que a bruxa que se chamava Mônica Smoke a tinha encontrado, — chorando lá por alguém que ela amava. Mônica foi a primeira em mais de 20 anos, que lhe ofereceu um ombro para chorar. Então, ela ouviu a história e deu a Jazlyn a única coisa que tinha pensado que nunca poderia ser devolvido: sua vida.

Capítulo 23

ASSIM QUE ACORDOU, Jessica procurou sua anfitriã. Evitando Dominique Vida, ela rapidamente encontrou Caryn em seu quarto.

— Você sabe de alguém em sua linha chamada Monica?— Ela exigiu, fechando a porta atrás dela.

— Sim,— disse Caryn após um momento de hesitação. — Ela era minha tia, irmã da minha mãe.

— Era?

— Ela morreu. Mamãe nunca me disse como.— Caryn franziu o cenho. — Por que, Jessica? O que há de errado?

Jessica não respondeu, sua mente se focou em suas próprias perguntas. — Você já ouviu falar de alguém chamado Jazlyn Raisa?— Jessica estava determinada a compreender o seu próprio nascimento, mesmo que isso fosse a única parte de sua vida que entenderia.

— Jazlyn Raisa ... Não. Mas talvez minha mãe-.

Jessica balançou a cabeça rapidamente.

— Jessica, o que é isso?

Ela sacudiu a questão, impaciente por encontrar Hasana e ouvir a verdade.

Quando Jessica entrou na cozinha, olhou para cima de Hasana que estava cozinhando. Ela pareceu sentir a urgência de Jessica.

— Jessica, você precisa de alguma coisa?

— Jazlyn Raisa,— Jessica respondeu sem prelúdio. — Eu quero saber sobre ela.

O rosto de Hasana traiu desconfiança. Ela fez uma pausa, tomando um fôlego, e então perguntou: — O que você sabe sobre Raisa?

— Ela era um vampiro, uma linhagem direta de Siete— , Jessica respondeu. — E sua irmã se ofereceu para devolver-lhe a vida.

Os olhos de Hasana se estreitaram. — Eu não acreditava que era possível, mas ela insistiu que ela e Monica poderiam fazê-lo. Ela morreu tentando, e não ouvi mais nada sobre isso.

— Ela conseguiu,— Jessica preencheu

— Raisa não merecia isso,— resmungou Hasana. — Se você sabe tanto, por que você está me perguntando?

— Jazlyn estava grávida quando Siete a transformou,— Jessica explicou, e ela viu o choque preencher expressão de Hasana. — Eu quero saber o que teria acontecido com a criança quando Jazlyn tornou-se humana novamente.

A ideia parecia absurda. Embora Jessica soubesse muito sobre vampiros, ela não sabia nada sobre qualquer um que houvesse se tornado humano novamente além do que seus sonhos tinha dito de Jazlyn. Só uma bruxa saberia se um bebê transportado em um útero vampirico iria recuperar a sua vida como sua mãe.

— Eu não sabia que havia uma criança,— Hasana sussurrou. — Agora eu entendo. Monica não teria arriscado a vida para salvar um vampiro. Mas um bebê ... Monica deve ter acreditado que ela iria sobreviver.

— O que aconteceu à criança?— Jessica gritou. Ela teve que forçar-se para não agarrar Hasana pelos ombros e tentar agitar as informações dela.

— Eu não sabia que havia um,— Hasana repetiu, sacudindo a cabeça se desculpando. Jessica se afastou e voltou para o quarto, ela tinha sido dada, precisava pensar.

Sua mãe. O termo trouxe um momento de dor. A mulher que a tinha criado estava morta, agora ela tinha sido substituída por um fantasma que nunca quis Jessica. Jazlyn Raisa.

Jessica andou em um ritmo suavemente em seu quarto, tentando organizar seus pensamentos.

Siete foi o primeiro dos vampiros. Ele era antigo, mesmo em comparação com Fala e Jager e Silver, e sua mente era poderosa o suficiente para que ele pudesse facilmente saber tudo o que Jessica havia escrito. O seu sangue correu por suas veias, tão certo como tinha corrido em sua mãe, e sua ligação com ele era, sem dúvida, tão forte quanto o elo que tinha com seus principiantes. A diferença era que ela era humana e não tinham escudos contra a sua mente. Então, quando ela dormia, ou simplesmente vagava, compartilhava seus sonhos e seus pensamentos.

O quebra cabeça finalmente se juntou.

O olhar de Jessica caiu em seu computador. Sem fazer uma decisão consciente de fazê-lo, ela sentou-se e iniciou-o, querendo ouvir o zumbido reconfortante.

A compulsão familiar golpeou. Mas ignorou o livro que estava trabalhando, ela começou outro, embora não tinha ideia de como este iria acabar.

A noite é cheia de mistério. Mesmo quando a lua está mais brilhante, segredos se escondem em todos os lugares. Então o sol nasce e seus raios lançam-se sobre tantas sombras que o dia cria mais ilusão do que toda a verdade velada da noite.

Várias horas e muitas páginas se passaram antes que o fluxo de pensamentos cessasse. Quem, ela se perguntava, acabaria isso se ela morresse?

Capítulo 24

PRECISANDO FICAR LONGE da engasgante atmosfera de magia da casa, Jessica saiu de seu quarto e desceu as escadas.

— Onde você vai, Jessica? estou prestes a servir o jantar.

Ela congelou, ao ouvir a voz de Hasana, e se virou para ver Dominique e Hasana em pé juntas na sala ao lado.

— Eu estava planejando ir para um passeio, talvez passear na floresta um pouco—, ela respondeu. — Há algo de errado com isso?

Hasana suspirou. — Jessica, você realmente acha que deveria ir lá fora sozinha?— Jessica podia ouvir um toque de irritação na voz dela.

— Você realmente acha que eu posso ficar em casa até Dominique matar todos os vampiros?— Jessica agarrou em troca. Ela sabia que Hasana estava tentando ajudar, mas sentia-se como um lobo enjaulado no celeiro do pastor.

— Eu poderia, pelo menos, lidar com alguns deles,— Dominique disse, observando Jessica como se esperasse uma reação. — Depois de algum tempo, os outros provavelmente iram decidir que não vale a pena.

— Depois que você matar uma outra dúzia deles, — Jessica sufocada. Ela teve uma súbita imagem vívida de Aubrey com uma faca de Dominique em seu coração. Ela não gostava de Dominique assim como Fala.

— Não é crime matar algo que morreu a milhares de anos atrás, — Dominique argumentou. — O assassinato é o que *eles* fazem todas as noites, quando até mesmo você sabe que não precisam matar para se alimentarem. Assassinato é o que eles fizeram ontem a sua mãe.

Jessica deu um passo involuntário em direção à Dominique e sentiu o primeiro aviso da caçadora tocá-la : uma leve sensação de queimadura na superfície de sua pele, que deflagrou por um momento e então desapareceu.

Hasana colocou uma mão no braço de Dominique para chamar sua atenção.

—Dominique, eu dificilmente acho que o comentário fosse necessário.—

Dominique suspirou. — Se ela vai ficar nesta casa com você e Caryn, então eu preciso saber de que lado ela está,— afirmou. — Então, Jessica?

— Se é uma escolha entre você e eles,— Jessica cuspiu em resposta — , então eu iria escolher os vampiros todo o dia. Pelo menos eles não pregam a moralidade de sua morte.

Ela girou para longe, tentando ignorar a tensão entre os ombros, onde ela esperava um momento para sentir a ponta da faca de Dominique.

Capítulo 25

AINDA NEM ERA PÔR DO SOL quando Jessica chegou, mais uma vez, à porta de entrada para Las Noches.

Havia menos pessoas na sala que da última vez, provavelmente relacionado ao fato de que Fala e Aubrey estavam lutando perto do bar.

Eles pararam com surpresa quando Jessica entrou e começou a caminhar sem medo em direção a eles.

Fala recuperou a sua inteligência primeiro e bateu Aubrey de volta para o bar. O crack doentio de um osso quebrado chegou aos ouvidos de Jessica, mesmo acima da música de Las Noches, mas ela sabia que ele iria curar quase que instantaneamente. No entanto, Fala utilizou o momento de dor de Aubrey para sussurrar uma ameaça em seu ouvido. Jessica pode ouvir apenas o fim dela enquanto se aproximava. *Ou lide com isso agora, ou EU vou.*

Fala deixou o clube sem dar a Jessica uma segunda olhada.

Aubrey esticou-se, já recuperado do ataque de Fala. Quando se virou para Jessica, ela o viu checar pela faca na cintura, em seguida, balançou a cabeça, parecendo não surpreso ou preocupado por encontrá-la desaparecida.

— Você é uma idiota, você sabe disso?— Audrey disse quando Jessica se aproximou.

— Nós dois somos.

— Como você descobriu isto?— Jessica perguntou. Ela ignorou a luta que tinha acabado de presenciar, sabia que ela era provavelmente a razão por trás disso. Ressecada do passeio à luz do sol, ela considerou tentar encontrar algo para beber no bar Las Noches, mas preocupada com o que poderia conseguir, se escolhesse a coisa errada. Enquanto não havia nada no bar que poderia matar um vampiro, havia muito que poderia danificar um ser humano.

— Você sabe que a maioria da minha espécie está tentando matá-la, particularmente aquela que acabou de sair e ainda chega em Nova Mayhem ao pôr do sol,— Aubrey respondeu secamente.

Jessica teve de rir disso.

— Minha mãe foi morta ontem ao lado de uma igreja em plena luz do dia. Se qualquer um de sua espécie estava realmente tentando me matar, não importa onde eu estiver.

Ela decidiu que provavelmente poderia identificar água se visse isso, então ela virou no bar para procurar.

— Você está tentando envenenar a si mesma?— Aubrey perguntou, olhando para ela.

— Oh, me morda,— ela provocou automaticamente, antes da ironia do comentário ser registrado.

Mas Aubrey levou ao pé da letra. Em um movimento gracioso, ele passou a mão em torno da volta de seu pescoço e puxou-a para ele.

— Uma oferta tentadora.— Ele gentilmente escovou o oco de sua garganta com o dedo polegar de sua mão livre enquanto ele falava.

— Você não faria isso.

Ele se inclinou e sentiu os lábios em seu pescoço. *Jamais ocorreu a você ter medo, não é?* Em silêncio, ele perguntou.

Se você quisesse me matar, você teria feito isso há muito tempo. Ela projetou o pensamento e sabia que ele podia ouvi-lo.

Você tem certeza?

Não, respondeu ela. *Mas se você me morder eu vou morder de volta, e você realmente quer esta multidão vendo um ser humano fazer isso?* Ela estava bem ciente de que tinham uma platéia atenta até agora.

É isso que você quer?

Jessica não entendeu muito bem a pergunta de Aubrey, mas ele deve ter percebido a confusão, porque, acrescentou, *eu fiz algo semelhante a Ather, e ambos sabemos como isso acabou*. Aubrey foi transformado pouco tempo depois de uma briga com Ather. Ele havia cortado sua garganta quando ela tentava se alimentar dele.

Até Fala sugeriu que eu transformasse você.

Você está certo, você é um idiota, ela comentou em resposta. *E sim, isso é o que eu quero, o que significa que você não pode fazê-lo.*

Jessica estava se referindo ao fato de que a linha de Aubrey conservar o seu poder, porque cada um deles lutavam. Essa luta, quando o sangue era drenado para fora, era o que lhes dava a sua força.

Sim, Jessica estava mais do que disposta a se tornar um de sua espécie. Seu ódio de Dominique tinha finalmente a convencido. Mas a sua disponibilidade significava que ela não iria lutar, e sua força como um vampiro iria sofrer. Ela certamente seria mais fraca do que Fala. Em essência, se Aubrey mudasse agora, seria o mesmo que permitir-se que Fala a matasse.

Aubrey sabia de tudo isso, bem como, naturalmente, assim que ele a soltou e ela andou casualmente, alisando sua camisa, como se o confronto tivesse sido normal. Ele chegou a passar por ela, no bar, e tirou uma garrafa de água. Ela aceitou calmamente e tomou um gole.

Capítulo 26

O QUE ELE IRIA FAZER sobre a humana chamada Jessica? Aubrey teve esse pensamento antes, e a resposta não estava mais próxima do que antes.

Jessica não tinha idéia de quão perto ela tinha chegado de ter cada gota de sangue drenado de seu corpo. A sensação do pulso sob seus lábios quase quebrou seu auto-controle.

Ele precisava caçar, mas hesitou em deixá-la sozinha. A ameaça de Fala ainda estava fresca em sua mente.

A decisão foi tomada por ele quando ouviu um grito fraco vindo de fora do edifício. Era uma voz aflita que ele conhecia bem: a voz de Kaei. Essa menina podia meter-se em mais confusões em uma hora do que a maioria dos seres humanos poderiam acumular em um ano.

Acenando um adeus silencioso para Jessica, ele rapidamente dirigiu-se para o lado de Kaei. Ela poderia ser um incômodo e pior para aqueles que a trataram mal, e tinha causado mais do que seu quinhão de problemas, mas era inabalavelmente fiel àqueles que considerava seus amigos. Fala, provavelmente, não atacaria Jessica em uma multidão, e mesmo que fizesse, Jessica era inteligente o suficiente para defender-se por um minuto ou dois até que voltasse. Kaei não tinha um talento para ficar fora de problemas.

Quase no instante em que apareceu, encontrou-se na defensiva.

Um golpe significava para Kaei bater forte, principalmente porque ele não estava preparado.

O golpe mental teve a aura distinta de uma bruxa para ela, então ele rapidamente voltou sua atenção para o atacante.

Ele jurou em voz alta como reconheceu Dominique Vida. Ela provavelmente tinha seguido Jessica aqui e correu para Kaei no caminho. Kaei tivera mais do que sua parcela de argumentos com as bruxas.

Dominique caiu ligeiramente para trás em uma posição de prontidão, reconhecendo que de repente tinha um inimigo novo, muito mais poderoso.

Dominique foi uma dos dois caçadores de vampiro que já venceu uma luta contra alguém da linha de Aubrey. O outro tinha tratado com cordialidade. Quanto a Dominique, ninguém tinha conseguido passar de sua guarda o suficiente para lhe plantar uma faca. Por um momento ele estava grato por Fala ter tomado a sua faca durante a luta mais cedo. Dominique poderia ter usado contra ele; a magia de seus antepassados a forjara.

Em seguida, Jessica voltou para seus pensamentos. Tanto quanto ele gostaria de tirar esse confronto com um inimigo tão digno, ele não tinha tempo de lidar com Dominique.

Em vez disso, ele fez a única coisa que pôde para tirá-la do lugar.

Ele mudou de forma para o um que o favorecia – um lobo preto – e avançou, tendo Dominique no chão. Ela não esperava que ele fosse tão descuidado, que foi a única razão pela qual sua faca cravou em sua barriga, em vez de mergulhar em seu coração. Ele cerrou os dentes contra a dor quando a lâmina de prata cortava sua pele aberta. O ferimento foi superficial, mas a magia na faca fazia queimar. Ele provavelmente teria uma cicatriz.

Antes que a bruxa pudesse se recuperar, ele usou sua mente para levar os dois longe de New Mayhem. Em seguida, ele rolou de cima dela e correu, ganhando distância, tanto quanto podia. Uma vez que estava longe o suficiente para que ela não pudesse agarrar-se a seu poder e segui-lo, ele desapareceu, retornando para Las Noches com uma oração para que Jessica ainda estivesse lá.

Capítulo 27

JESSICA CORTOU ATRAVÉS DAS FLORESTAS em seu caminho de volta para a casa de Caryn e Hasana. Um pequeno rio corria atrás de Nova Mayhem, que passava por Red Rock Forest e, eventualmente, estreitando na Aqua Ponde, que era perto da casa das bruxas. Ela acompanhou o rio em vez de tomar o caminho menos direto ao longo das estradas. Como ela havia dito a Aubrey, se alguma coisa desejava matá-la, faria tão facilmente na floresta como na estrada ou em qualquer outro lugar. Ela estava cansada demais para tomar o caminho mais longo.

Em um ponto ela fez uma pausa para admirar a lua cheia, uma vez que saltou e tremulou na superfície do rio. No meio desse momento de paz, alguém a agarrou pelo pescoço por trás.

— Assim, o autor irá me agradecer com a sua presença.— A zombateira voz era uma que Jessica reconheceu instantaneamente: Fala. Jessica podia sentir a respiração fria da vampira na parte de trás do pescoço, isso enviou um arrepio na espinha.

— Deixe-me sozinha,— Jessica disse, sua voz calma, apesar de seu medo. Se Fala tinha decidido matá-la, então ela não seria influenciada por rastejamento ou gritos de misericórdia. Ela provavelmente gostava de ouvir, mas eles não a motivavam a fazer menos danos. Falar, pelo menos, poderia comprar o tempo — tempo em que Fala poderia simplesmente cansar, ou Aubrey poderia aparecer e espancá-la em uma pasta de sangue.

— Ha! — Fala exclamou. — Depois de todos os problemas que você causou?

Jessica não tinha tempo para responder; Fala empurrou, quase mandando-a para o rio gelado. Ela virou-se a tempo de assistir Fala se aproximar.

— Sua humana tola,— Fala, disse, sorrindo. — Você pensa que é tão certa, tão destemida, tão ... importante, como se você não pudesse ser morta tão facilmente como qualquer outro ser humano. Assim como sua mãe—

— O que você sabe sobre a minha mãe?— Jessica sentiu sua raiva ante a referência, e novamente viu Anne em sua mente - não morta pelas mãos Fala, mas morta por sua ordem, no entanto.

Fala sorriu abertamente. — Sobre Raisal, você quer dizer?— ela perguntou docemente. — Sobre aquele pobre egoísta de Siete que tinha praticamente bancado a babá para todos nós? Eu estava lá quando ela deu à luz,— Fala cuspiu. — Eu o teria matado no local se Siete não tivesse me dito que não.

Jessica recuou, a raiva lentamente ebulindo de Fala, ofuscava até a surpresa de Jessica. Portanto, este era o motivo de seu ódio. Jessica conhecia Fala muito bem para não entender como ela reagia aos comandos.

Mais uma vez Fala não lhe deu tempo para responder, ao invés, desapareceu. Jessica virou-se para procurá-la e sentiu um puxão no cabelo. Fala estava atrás dela novamente.

— Nunca ouviu falar de luta justa?— Jessica gritou, agarrando a mão que estava segurando o cabelo dela, embora fosse forte como uma braçadeira de aço e prestes a não ser arrombada.

— A vida não é justa, e nem é a morte,— Fala respondeu, puxando mais forte. Como ela fez isso, o aperto obrigou Jessica a tombar a cabeça para trás, desnudando sua garganta. — Mas eu vou fazê-lo um pouco mais esportivo—

Fala sacou uma faca que estava escondida em suas roupas apertadas e passou na frente do rosto de Jessica por um instante antes que jogasse a faca na clareira. Jessica não conseguia ver onde ela pousou, mas ouviu o baque, pois bateu em uma árvore. — Talvez eu mesmo dê-lhe uma chance de recuperá-lo se eu ficar entediada, Jessie.

— Não me chame de Jessie.— Foi uma reação automática e foi recompensada por um outro puxão, e então uma dor aguda e forte, quando os dentes de Fala perfuraram a pele no pescoço.

A dor desapareceu rapidamente, substituído por uma sensação de flutuação de cinco mil anos da mente vampírica pressionado contra a dela própria. Fala passou um braço em volta da cintura de Jessica, segurando-a no lugar, bem como para mantê-la em pé quando ela finalmente perdeu a consciência do seu corpo.

Jessica era a leve espuma do mar na parte de trás de uma onda, ou talvez uma pena arrastada pelo vento.

Em seguida, ela reconheceu a armadilha, e uma ponta de medo serpenteava em sua mente. Mas a dor teria início somente se ela lutasse, ela poderia simplesmente ficar aqui, descansando –

Antes que ela pudesse deixar o controle da mente de Fala convencê-la de outra forma, ela levou uma cotovelada de volta para o intestino do vampiro, ao mesmo tempo, batendo-se de volta para lançar Fala em uma árvore por trás delas.

Fala deixou sair um silvo de raiva, e Jessica correu pela clareira, sabendo que as lesões em Fala iriam impedi-la por mais alguns instantes. Ela podia sentir um filete de sangue descendo por seu pescoço e em sua camisa preta, mas a ferida não era suscetível a ser fatal. Fala não tivera tempo suficiente.

No entanto, ela emendou isso a fúria fria que viu nos olhos de Fala.

— É isso aí,— Fala assobiou. — Você busca a morte, Jessica? Ou apenas gosta de dor?— Cada palavra estava cheia de veneno. — Eu teria feito isso muito mais fácil para você, mas você optou por fazê-lo da maneira mais difícil.

— Eu posso até morrer, mas qual de nós estará mais dolorida amanhã?— Jessica agarrou antes que ela pudesse pensar melhor.

— Eu garantirei que você se sentirá cada gota de vida enquanto ela deixa suas veias,— Fala ameaça, sua voz quase um sussurro,— e que seu corpo gritará quando ele começa a morrer de fome pela perda de oxigênio, e que você ouvirá o silêncio quando seu coração, finalmente, parar.

Ela agarrou Jessica pelo pescoço e jogou-a quase casualmente em uma árvore. No ombro direito de Jessica bateu no tronco, ela cerrou os dentes após a dor. O osso, provavelmente, não foi quebrado, Fala faria pior antes que isto estivesse terminado.

— Eu acho que você sabe o que está descrevendo,— Jessica resmungou, sua raiva subindo acima de seu senso comum. — Desde os seus dias nessa cela, de areia suja onde estava acorrentado como o cão que você é.

Fala estava quase em cima dela. Jessica bateu o queixo de Fala com o punho fechado, o que incomodou o vampiro por apenas um segundo antes dela pegar o pulso de

Jessica e joga-la em outra árvore. As mãos e braços de Jessica bateram na árvore em primeiro lugar, absorvendo a maior parte do golpe, mas depois ela sentiu a cabeça e o ombro atingir a madeira firmemente e pontos negros dançavam em frente dos seus olhos.

Ela suspeitou que esse era a sua segunda concussão em poucos dias.

— Maldita seja, humana!— Fala cuspiu. — Você não vai acordar. Sua morte será a sua morte. Entendeu? Você é a presa, e sempre será. Mortal ...Fracas... Presa.

Jessica estava dolorida, tentando limpar a sua visão. Ela tinha orgulho demais para enfrentar Fala como a frágil presa que o vampiro via.

— Eu sei do seu talento em infligir dor, Fala, — ela resmungou. — Mas mesmo com eles, você nunca vai me fazer a sua presa.

Capítulo 28

RAIVA CINTILOU no rosto de Fala por alguns segundos, até que um perigoso sorriso preguiçoso cresceu para substituí-lo.

Levante-se, criança, veio a voz de Fala, de repente suave e misteriosamente civilizada. Jessica sentiu um momento de pânico quando ouviu a voz em sua mente enquanto sentia as palavras sobrepondo seus próprios pensamentos. Então o medo desapareceu, e só havia o som da voz, friamente indiscutível.

Eu li o que você escreveu, Fala continuou calmamente, e Jessica não tinha escolha, exceto ouvir. *Você sabe a diferença entre predador e presa. Você nasceu humana e você vai morrer como uma presa humana e nada mais*

Fala se aproximou, Jessica moveu-se para encontrá-la. Fala puxou o cabelo de Jessica novamente para tras, desnudando a garganta, e Jessica relaxou, permitindo que o vampiro o fizesse. Fala era simplesmente uma raça superior, e não havia como discutir com o fato. Por natureza, ela era um predador.

E Jessica era presa dela

Presa?

Esse último pensamento não caiu bem. Em vez disso, isso desabou o castelo de cartas que Fala tinha tão facilmente construído na mente de Jessica. Jessica empurrou o vampiro longe com os dois braços, ignorando a dor lancinante em seu ombro direito, enquanto o fez.

— Caia fora da minha mente.— Ela cuspiu as palavras, um comando rouco e a expressão de Fala congelou de raiva e incredulidade. Jessica tinha escorregado duas vezes do seu controle da mente agora.

— Parece-me que uma vez, você foi humana Fala— , Jessica continuou, ignorando o sangue que escorria de várias das suas feridas, e as manchas pretas que saltavam ao longo da borda de sua visão. — Mas eu suponho que você não precisa ser lembrada de suas experiências como uma presa.

A mão de Fala se moveu para frente e se fechou sobre a garganta de Jessica, pressionando-a em uma árvore e cortando-lhe o oxigênio. — Cuidado com suas palavras, humana. A menos que você queira que eu aperte suas vértebras através de sua traquéia.

Jessica não podia responder enquanto lutava para respirar. Fala deixou-a ir, jogando-a no chão com força suficiente para enviar estilhaços da dor através do braço que ela caiu em cima.

— Você escolheu a pessoa errada para lutar, Jessica,— Fala disse a ela, passeando perto de sua cabeça. — Porque eu gosto de dor — sua dor, — e eu *realmente* gosto de causar isso.

— Isso é chamado sadismo, e eu acho que é algum tipo de distúrbio psicológico, Jessica resmungou, rolando em sua frente para que ela pudesse usar seu braço esquerdo para empurrar-se acima.

Fala chutou na parte de trás da cabeça, enquanto ela ainda estava de joelhos. — Então, tendências suicidas, ela respondeu.

Manchas vermelhas e pretas lutaram pela dominação da mente de Jessica enquanto ela sentiu-se arrancada de seus pés por um de seus braços feridos. O mundo de repente, perdeu todo o foco, e ela foi jogada de volta para o chão.

— Lamentável—, ela ouviu Fala grunhir.

Lentamente, dolorosamente, Jessica forçou-se a seus pés enquanto Fala se afastou para longe na beira do rio. Encostando em uma árvore para apoio, Jessica tocou a parte de trás de sua cabeça e sentiu pegajosa com seu próprio sangue.

Assim que se sentiu capaz de andar, Jessica digitalizou a clareira pela faca que Fala havia jogado anteriormente. Avistou-a parcialmente embutida em um tronco de árvore nas proximidades e cambaleou para ele. Ela mordeu o lábio para conter um grito de dor quando embrulhou as mãos em torno do cabo da faca e arrancou-o da madeira.

Ambos os braços gritaram para o esforço.

Ela reconheceu a lâmina de Aubrey e foi surpreendida com o fato de Fala conseguir roubá-lo. Apesar de simples, não era uma faca que alguém confundiria, a palavra Fenris foi inscrito no punho. Jessica sabia o dano que poderia fazer para carne

vampírica, com toda a magia venenosa queimando em profundidade na prata da lâmina pela bruxa caçadora de vampiros, que forjou. A faca parecia quase viva na sua mão, e ela podia sentir a sua magia deslizar até seu braço. Alguma dor entorpecida.

Nunca manuseara uma faca antes como uma arma, ela não tinha nenhuma esperança de ferir fatalmente Fala, mas talvez pudesse machucá-la o suficiente para que ela fosse embora.

Jessica plantou a faca frouxamente na árvore, um plano lentamente formando em sua mente.

— Então, eu vejo que você está andando de novo,— Fala suspirou, aparecendo na frente dela apenas alguns segundos após Jessica ter se afastado da árvore. — Eu não devo ter batido forte o suficiente em você.

Jessica se apoiou na faca, protegendo seu braço direito. O plano de pássaro ferido era antigo, mas eficaz. Fala não consideraria a faca uma ameaça, porque seria impossível para Jessica para removê-lo com apenas uma mão, atrás das costas. Fala adiantou-se novamente, e Jessica sentiu atrás dela com seu braço esquerdo quando ela se afastou. Sua mão estava na faca, mas antes que ela pudesse fazer algo com ele, Fala agarrou-a novamente e arrastou-a para a frente.

A visão de Jessica girou com o movimento brusco, e no instante seguinte, ela sentiu o ferrão dos dentes de Fala trespassando-lhe a garganta mais uma vez. Desta vez, Fala não fez nenhum esforço para tornar mais fácil para ela. A dor começou de imediato, não entorpecido pelo controle da mente ou qualquer indício de ternura. Embora tivesse escrito sobre isso muitas vezes, Jessica não estava preparada. A dor em sua cabeça e os braços não era nada comparada com a queimação e a sufocante sensação que agora substituiu as irritações anteriores. Apesar de seus esforços para não, ela ouviu a própria voz gritar, um grito inútil.

Uma onda de escuridão se espalhou em toda sua visão, mas ela conseguiu desviá-lo quando arrancou um braço livre das garras de Fala.

Fala se moveu um pouco, e Jessica sentiu como se sua pele houvesse sido arrancada do seu corpo, ela gemia em agonia enquanto seus joelhos cederam sob o seu peso, mas de alguma forma, por pouco, ela foi capaz de apalpar pela faca.

Ela puxou a faca para a frente em um arco, e embora ela não tivesse a força e a visão, a lâmina resvalou ao lado de Fala, fatiando o braço do vampiro.



Para um ser humano, a ferida certamente teria sido fatal. Se Fala fosse mais fraca, ela também poderia ter morrido. Mas como não era, Jessica tinha certeza: doeu como o inferno.

Fala gritou de raiva e dor e bateu em Jessica, forte, no lado esquerdo do peito. Jessica ouviu o som de algo e foi derrubada para trás, para a árvore, batendo o ferimento em sua cabeça novamente.

Fala desapareceu, embalando o braço contra o peito. Isso foi tudo que Jessica viu antes de afundar na inconsciência.

Capítulo 29

FALA PODERIA BLINDAR SUA MENTE muito bem para Aubrey poder localizá-la, e nem Jager ou Moira iriam ajudá-la.

Apenas 20 minutos tinham se passado desde a disputa com Dominique, mas ele sabia muito bem o dano que Fala poderia fazer, mesmo que em tão pouco tempo. Ele havia passado o tempo à procura de Fala e repreendendo a si mesmo por deixar Jessica ir sozinha. Ele não tinha sequer se preocupado em substituir a camisa que a faca de Dominique tinha ensangüentado, tinha simplesmente jogado no lixo em algum lugar. Agora Aubrey estava no quarto de Fala, esperando que ela voltasse, o tempo todo imaginando as novas formas de dor que ele poderia apresentá-la, se ela houvesse matado Jessica.

Quando Fala finalmente entrou no quarto, ela parecia um pouco pior que desgastada. Seu braço havia sido cortado, e o sangue ainda estava escorrendo da ferida lentamente curando. Ela estava tremendo, apesar de Aubrey não poder dizer se a causa era a dor, o frio, ou raiva.

— Amaldiçoo vocês dois, para o inferno!— ela rosnou quando o viu. — Sai do meu quarto ou eu vou arrancar o seu coração e darei de alimento a Ahemait eu mesma.

A julgar pelo seu humor, ela poderia muito bem tentar. Ahemait era o devorador egípcio dos mortos. Quando Fala falava de mitologia do seu passado humano, era melhor evitá-la.

Em vez disso, a raiva de Aubrey equiparava à dela.

Ele bateu-a contra a parede, sua mão em torno de sua garganta, e ouviu o som quando sua traquéia quebrou. A lesão se curou rapidamente, mas ele poderia dizer que, apesar de sua alta tolerância, Fala não apreciava a dor.

Ela jogou um pouco do seu poder para ele e ele cambaleou para trás, um passo. Esquivando-se rapidamente, ele mal evitou sua própria faca quando ela jogou para ele. A lâmina prendeu na parede.

— O que você fez com ela?— ele exigiu.

— Só o que você deveria ter feito há uma semana!— Fala agarrou. Desta vez foi a vez de Fala tropeçar quando Aubrey atacou-a, sua raiva fazendo o golpe ainda mais duro. — Onde ela está?— Ele disse baixinho, sua voz fria.

Fala riu. — Você honestamente espera que eu te diga?

Encontrando seu olhar, Aubrey fez uma pausa antes de responder. Ele a viu mudar a expressão quando ela reconheceu a completa raiva latente em seus olhos. — Sim.

— Ela está em algum lugar do rio,— Fala cuspiu, sábia o suficiente para reconhecer que lutar com ele, neste momento, era uma idéia perigosa. — Espero que os corvos a tenham agora.

Aubrey desapareceu, trazendo-se à beira do New Mayhem, onde o rio passava.

Mais uma vez ele se transformou em um lobo, uma criatura que podia se mover mais rápido e mais seguramente pela floresta. Seguindo o rio, ele cobriu uma milha em apenas alguns minutos. Finalmente, menos de dois quilômetros de Nova Mayhem, no meio da floresta, ele pegou o perfume Jessica e trouxe-se instantaneamente para o seu lado.

Jessica estava branca, sua respiração estava molhada e superficial, e seu coração alternava entre rápido e ameaçando parar.

Ela estava viva, mas não por muito tempo, e ele não sabia de alguma maneira para ajudá-la. Três mil anos de morte não tinha lhe ensinado nada sobre desfazer esse tipo de dano.

Depois de um momento de hesitação em que ele engoliu o orgulho, deixou o lado de Jessica e trouxe-se para a casa de Hasana e Caryn Smoke. Ele podia sentir a magia de Caryn, mais forte que sua mãe, mesmo fora da casa.

Se ele não tivesse matado todos os seus deuses há muito tempo, Aubrey teria orado para que Caryn estivesse disposto a ajudar. Ansiosamente ele a trouxe para seu lado.

Capítulo 30

CARYN TINHA QUASE DESMAIADO de susto quando Aubrey apareceu pela primeira vez em seu quarto, mas a sua explicação rápida tinha empurrado todas as preocupações pessoais fora do caminho, abrindo espaço para a curandeira disciplinada que era.

Ela estava agora trabalhando por quase uma hora.

Ela era da mais antiga linha de curandeiros conhecidos na Terra, mas até mesmo suas habilidades tinham limites.

Sentia-se fraca de fadiga. Sua roupa estava encharcada de quando ela tinha acidentalmente caído no rio, e seu coração batia duas vezes mais rápido que o normal. Seu rosto estava manchado de lágrimas, preocupada enquanto cantava e segurava sua mão esquerda, palma para baixo, sobre o coração de Jessica, canalizando a energia tão necessária para a menina morrendo. Sua outra mão estava constantemente se movendo na testa molhada de Jessica, segurando a mão dela, ou consumindo energia da terra. O coração de Jessica tinha uniformemente batido por alguns minutos, mas agora vacilava e Caryn engasgou na dor, seu canto parou.

— Eu não posso fazer isso.— Novas lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Devo chamar Hasana?— Aubrey sugerido. — Talvez ela –

— Ela não vai,— Caryn interrompeu, lembrando a raiva de sua mãe, quando Jessica tinha deixado a casa no dia anterior. — Ela odeia o seu tipo e chama Jessica de traidor da raça humana. Monica teria ajudado; Ela poderia ter feito isso. Mas eu simplesmente *não posso*. Não posso salvá-la, e eu poderia me matar tentando...

— Existe mais alguém?— Aubrey perguntou, parecendo frenético.

— Vida a mataria,— Caryn respondeu: — e Light está morto.— Ela lançou um olhar afiado para Aubrey, sabendo que sua espécie havia assassinado Lila, o último na linha Light. — Todos os outros são muito fracos. Quem fez isto quebrou uma das costelas

dela, e agora há sangue em um de seus pulmões; Ela vai começar a se afogar logo. Além disso, ela foi drenada. É incrível que eu possa até manter.. seu coração batendo afinal. Além disso, ela tem pelo menos uma dúzia de outras lesões ... Eu não sei de nada de ciência ou mágica que pode curá-la.

Caryn olhou suplicante para Aubrey, esperando que ele soubesse algo que ela não sabia.

Ele não sabia nada que ela quisesse ouvir. — Eu posso matar - eu não posso curar—, ele suspirou.

— Eu estive canalizando minhas próprias ... Eu não sei como chamá-la ... *vida* dentro dela, mas se eu continuar fazendo isso nós *duas* morreríamos. Nenhuma bruxa exceto Arun poderiam sobreviver a isto, e eles são parte vampiro ...

Caryn sumiu, derrotada.

— Eu poderia.

Ela olhou fixamente para Aubrey por um momento depois que ele falou essas palavras.

— A menos que Fala decidisse rasgar o seu coração para fora, seus ferimentos são realmente insignificantes para o meu tipo,— ele esclareceu.

Finalmente Caryn compreendeu. Ela tinha canalizado a partir de outras bruxas no passado. Se ela pudesse levar a energia a partir de um vampiro e dá-la para Jessica ... poderia curá-la?

Pode ser.

— Eu poderia matá-lo acidentalmente,— alertou-o.

— Eu vivi muito tempo.

— Isso definitivamente vai me deserdar,— ela murmurou, esperando que sua mãe fosse encontrar alguma forma de perdoá-la. — Eu preciso de você no meu lado direito,— disse a Aubrey.

Depois que ele mudou de posição, Caryn colocou a mão direita um pouco acima do coração de Jessica, um dos três centros mais forte de energia. Para a cura, o centro do coração era o melhor.

Não havia palavras para descrever com precisão o que ela fez em seguida. Seus próprios centros de energia estavam abertos, formando um caminho de Aubrey para Jessica, e agora quando ela se concentrou em Aubrey –

Ela ofegou como o poder que fluía através dela. Isso era tudo que poderia ser chamado. Não vida, não *chi* como Hasana chamava ou simplesmente energia como Monica lhe havia ensinado, mas o *poder* era puro e irrestrito. Não admira que sua mente era tão forte ...

Caryn forçou-se a controlar o poder, o que exigia todos os seus anos de prática, e então focou canalizando-o para Jessica.

A Própria aura de Jessica era forte, e Caryn não ficou surpresa ao notar os traços vampíricos nele. Dirigiu o poder de Aubrey para as áreas de lesões de Jessica, onde a aura da menina era mais fraca.

Primeiro dedicou-se a rachadura no crânio de Jessica. Isso se cicatrizou em segundos, e o sangue que tinham juntado no interior foi reabsorvido nas veias conforme o próprio corpo se reparava.

O pulmão veio em seguida. O órgão entrou em colapso e então regenerou-se, pequeno como uma criança no início, mas rapidamente se expandindo para o tamanho máximo. A costela emendou em instantes.

O resto do corpo de Jessica curou tão rapidamente, simplesmente a partir do estouro do poder. Caryn estava grata, já que ela estava ficando sonolenta. Como ela poderia estar tão exausta com todo esse poder correndo por ela?

Ela estava tentando muito dificilmente não pensar sobre o que este processo iria fazer com ela. Ela sabia apenas uma história que envolveu a canalização de aura vampírica: Midnight Smoke, mãe de Ardiente Arun, tinha chamado a aura vampírica dentro de si mesma para salvar um ser humano de se tornar um deles. Desde então, todos os ancestrais de Midnight tinha levado uma nódoa vampírica. Ardiente e Midnight tinham dividido a partir da linha que tinham nascido e se tornou o primeiro na linha de Arun.

Caryn era descendente de suas relações, que tinha continuado a linha Smoke. Caryn estava sentindo-se tonta. Não havia nada mais que ela poderia fazer por Jessica, se

isto não fosse suficiente, então, nada teria funcionado. Ela rapidamente fechou os centros de poder de Aubrey, então ela própria, ciente de que se desmaiasse antes de fazer isso, provavelmente mataria todos os três.

Com os olhos fechados, ela se concentrou em Jessica mais uma vez, tentando verificar o que ainda precisava ser feito.

Enquanto a maioria do seu corpo tinha curado, Jessica ainda era toda humana. As áreas recém-curadas precisariam de mais sangue do que ela tinha. Fala tinha tomado muito.

— Devemos levá-la a um hospital, ou ela ainda vai morrer— , Caryn disse, sua voz desigual. — Ela precisa de sangue— .

Por um momento, Aubrey olhou para cima, e seus olhos negros não tinham calor como eles se concentraram em Caryn e depois em sua garganta. Ela podia ver o esforço com que ele virou a cabeça longe.

Ele já não era o perfeito e lindo imortal que tinha sido. Ele estava mais pálido do que nunca, e seus olhos estavam sem foco. Ele parecia como se tivesse sido drenado, tão certo como Jessica tinha. É claro, quando se tratava de sua espécie, poder e sangue eram muitas vezes intercambiáveis.

Caryn deitou como uma nova onda de fadiga que se elevou a cima dela, e observou em silêncio enquanto Aubrey tentava despertar Jessica.

Capítulo 31

JESSICA MAL PODIA RESPIRAR APÓS A DOR EM SEU PEITO. Todos os músculos de seu corpo tinham contraído, e ela estava tremendo de frio.

Jessica! Ela reconheceu a voz de Aubrey em sua mente, embora ela nunca houvesse ouvido o som tão perturbado.

Lentamente, ela se arrastou para o mundo, acordando.

Não, não estou morta ... não iria doer tanto se eu estivesse morta, pensou distraída. Era difícil formar uma frase coerente.

Aubrey puxou sua atenção de volta para ele. *Ainda não morreu,* ele disse rapidamente, sem rodeios. *Mas você vai estar em breve, se não fizermos alguma coisa.* Fez uma pausa, sacudindo-a um pouco para manter a atenção dela de se afastar.

Cuidado. Eu não tenho certeza que o braço ainda está totalmente ligado, ela respondeu, seu humor irônico voltando para ela.

Eu posso levá-la a um hospital, e eles podem dar-lhe sangue. Provavelmente há ainda tempo, disse-lhe. *Ou se você quiser isso, — eu sei que você disse antes que você queria, — eu posso te dar o meu.*

Se ela tivesse a respiração para fazê-lo, ela teria rido.

Será que ela queria ser um vampiro? Para ficar em New Mayhem, na comunidade que tinha sido sua vida há anos; estar com Aubrey, o único que ela já se sentiu completamente à vontade, para nunca ser uma presa de novo?

Em seguida, havia também o bônus da imortalidade, e a idéia tentadora de esfregar o sangue de Fala na parede.

Você precisa perguntar? ela finalmente disse, e ouviu Aubrey suspirar com alívio. Claro, ela seria a primeira de sua linha, — linha dela, ela pensou, percebendo que em breve seria uma parte disso, — por ter sido convidada. Eles tinham sido transformados

por várias razões — por capricho, por despeito ou ódio ou amor. Mas nenhum deles teve uma escolha de fato.

Jessica sorriu ironicamente quando percebeu o favor que Fala tinha lhe dado intencionalmente. Jessica tinha lutado por sua vida quando Fala tinha tomado seu sangue, e agora tinha a liberdade de escolha quando Aubrey ofereceu.

Aubrey sacou a mesma faca que tinha sido usada para derramar o sangue de Ather anos atrás, quando ele tinha sido transformado. Ele deslizou a lâmina através de sua pele na base da garganta, e puxou Jessica em direção a ele para beber.

Ela tinha conhecido esse momento na vida de cada um dos seus personagens vampíricos, havia descrito em palavras e provado-o em sonhos. Mas ela nunca havia compreendido isso.

Enquanto ela bebia, fechou os olhos e abandonou-se ao sabor doce e a sensação de que veio com ele. O idioma Inglês não tinha como expressar adequadamente esse poder circulante que a encheu como um raio azul, deslizando em cada molécula de seu corpo e mudando tudo o que tocava.

Jessica tentou agarrar-se a sensação, mas um entorpecimento gentil começou a diminuir em toda a sua pele e em sua mente, como os tentáculos antes de dormir. Ela estava apenas vagamente consciente do fato de que seu coração tinha abrandado e parado, e só de longe percebeu que ela não estava mais respirando. A escuridão inevitável da morte tombou sobre ela, e sucumbiu com boa vontade, confiando que acordaria logo.

Jazlyn estava em constante dor nos primeiros dias, mas até a dor serviu como um lembrete de boas-vindas de que estava viva.

A primeira coisa que fez foi ir à igreja, dentro do qual ela não ousara pôr os pés desde o dia em que tinha sido transformada. O sacerdote abençoou-a e ouviu a sua confissão, que ela abreviou por causa de sua sanidade.

Ela pensou que tinha sido dada a ela outra chance, a chance de deixar para trás a vida de escuridão e maldade. Quando a criança veio - filho de Carl, que ela deveria ter tido anos antes, ela pensou que era um sinal de que tinha sido perdoada.

Em vez disso, a criança era uma lembrança do seu passado. Jessica era impecável, brilhante ... e sombreada pela noite. Ela parecia em nada como Carl ou Jazlyn, em vez disso, ela tinha a pele clara de Siete, o cabelo preto, olhos de esmeralda.



Aqueles olhos podiam olhar para alguém e ver as partes mais escuras de sua alma. Jessica tinha passado mais de vinte anos no ventre da Jazlyn, mantida viva apenas pelo sangue de Siete. Ela era mais criança do que sua Jazlyn era.

Não havia nenhuma maneira de Jazlyn criar a criança sem trazer de volta todas as dolorosas memórias. Nenhuma criança merecia ter uma mãe que não podia escovar os cabelos negros, ou olhar nos olhos de pedra preciosa, sem tremer.

Jazlyn colocou a criança para adoção, para que pudesse ser dada aos cuidados de pais que sabiam que seria apenas sol e risos. Jessica merecia essa vida, ela não tinha feito nada errado.

Jazlyn orou para que sua filha nunca fosse tocada pela escuridão do seu passado.

Capítulo 32

O CORAÇÃO DE JESSICA tinha parado. Seu rosto estava quase branco, e tão frio quanto o ar em torno dela. Ela havia morrido apenas momentos antes, quando o sangue de Aubrey entrou em seu sistema. Ele deixou seu lado relutantemente para verificar Caryn.

A respiração de Caryn era lenta e profunda, e ela parecia estar bem, exceto o sono cataléptico que ela estava. No momento a fome de Aubrey era mais um perigo para a bruxa que qualquer outra coisa.

Quase sem pensar, ele levou as duas meninas e a si mesmo a sua casa raramente usada em New Mayhem, onde ninguém iria incomodá-los. A floresta tinha muitos predadores para deixá-las sozinhas lá, e ele sabia que Caryn não gostaria que ele contasse a sua mãe.

Ele colocou Caryn em um quarto com janelas, sabendo que nenhuma bruxa iria querer acordar e não ser capaz de ver as estrelas ou o sol. Mas ele deixou Jessica em um quarto com pesadas cortinas blackout que iriam bloquear o sol, enquanto ela dormia.

Então, antes que os cheiros de Jessica e do sangue de Caryn se misturassem e pudessem derrotar seu auto-controle geralmente de ferro, ele foi buscar o jantar. Tendo se alimentado bem, ele voltou para casa para cuidar das meninas e, finalmente, permitiu sua mente voltar-se para outras coisas.

Como de quantas maneiras ele poderia transformar Fala em filé, para um. Ou de quantas maneiras poderia transformar Fala em filé, para dois.

Uma hora antes do pôr do sol, Aubrey se arrastou para longe do lado de Jessica. Fala precisava ser liquidada antes que Jessica acordasse.

Ele apareceu logo atrás de Fala em seu quarto, sua faca em sua garganta e sua mente presa na dela para segurá-la no lugar.

— Espero que ela tenha te fatiado muito bem— ele rosnou, pressionando a borda da lâmina em sua garganta apenas um pouco.

— E eu espero que ela esteja muito, muito morta, — Fala respondeu suavemente, de modo a não colocar mais pressão contra a lâmina. Apesar de sua cautela, uma linha fina de sangue apareceu em sua morena pele egípcia. — Se ela não estiver eu vou corrigir esse erro em breve.

— Eu sugiro que você não faça, — ele disse. Considerando como a última luta acabou, Jessica poderia ganhar se Fala escolhesse lutar outra.

— Ela tirou sangue, Aubrey,— Fala respondeu. — Eu reclamei, e você não pode me impedir de agir sobre isso.

O que ele tinha feito por Jessica teria sido ilegal se Fala tivesse conquistado seu orgulho antes e admitisse que Jessica havia sido a pessoa que a feriu. Em vez disso, ela esperou até agora para realmente reclamar a alegação de sangue, e agora era tarde demais.

— A lei só se aplica se ela é humana, — ele respondeu friamente.

Então, sua atenção foi atraída para longe quando ele sentiu uma presença familiar apenas fora da porta.

Jessica tinha lavado o sangue de sua pele, mas sua palidez mostrava que ela ainda precisava se alimentar.

— Não a impeça, — Jessica disse. Aubrey liberou Fala, mas não se afastou; Jessica certamente não era forte o suficiente para enfrentar Fala em uma briga agora, mesmo antes de ela ter se alimentado. No entanto, ela caminhava calmamente em direção a Fala, olhando para o vampiro com desprezo. — Ferida por um ser humano... Que golpe que deve ter sido para o seu orgulho.

Fala rosnou, mas conteve-se de atacar com Aubrey tão perto.

— Eu não tenho desejo de brigar com você, — Jessica disse simplesmente, quase regamente.



Os olhos de Fala se estreitaram em resposta, mas ela não fez nenhum comentário imediato. Aubrey sabia que Fala poderia dizer, assim como ele poderia, quão forte Jessica seria uma vez que houvesse se alimentado.

— No entanto, — Jessica continuou da mesma forma controlada — se você nunca prejudicar ninguém do meu interesse, ou estiver em qualquer lugar perto de mim, você vai aprender muito rapidamente quantas histórias interessantes sobre o seu passado eu ainda tenho para compartilhar.

Ela não esperou Fala reagir. Em vez disso, ela desapareceu, provavelmente para se alimentar.

Capítulo 33

JESSICA VOLTOU LOGO para a casa de Aubrey, em NewMayhem, sua pele clara lavada com a refeição de sangue que havia tomado em um canto escuro, minutos antes em New York City.

Aubrey estava deitado em um dos sofás da sala, quando ela entrou. Ele se levantou e aproximou-se dela. — Caryn foi para casa, mas ela deixou isso para você,— ele disse, entregando-lhe uma carta.

Jessica digitalizou a carta de Caryn — uma longa e piega despedida. Ela fez questão de esconder suas próprias emoções quando silenciosamente disse seu adeus para a pessoa que provavelmente tinha sido seu último laço com o mundo mortal.

— E,— Aubrey acrescentou relutantemente, olhando em direção à mesa, onde o computador de Jessica agora estava, — ela tinha me trazido isso aqui. — Jessica sorriu maliciosamente. Quão inofensivo a engenhoca parecia — plástico preto e plano, sem um único arranhão ou marca para mostrar o quanto tumulto tinha ajudado a causar. Ela vagou para a mesa e escovou o laptop carinhosamente.

Aubrey havia seguido-a. — Você realmente precisa disso?— ele perguntou.

— Eu não posso escrever sem ela,— respondeu, assumindo o mais próximo que ela conseguia de uma expressão inocente perante o mal subjacente se mostrando completamente.

— Você vive para criar problemas, não é?

— A vida não é nada sem um pouco de caos para torná-la interessante.— Ela se virou para ele e brincando levantou seu olhar para encontrar o seu, desafiador. — O que você quer fazer sobre isso?

Fim...

Amelia Atwater-Rhodes

HOME | **ABOUT** | BOOKSHELF | GENEALOGY | ADVICE TO WRITERS | Q&A | NEWSLETTER

ABOUT AMELIA

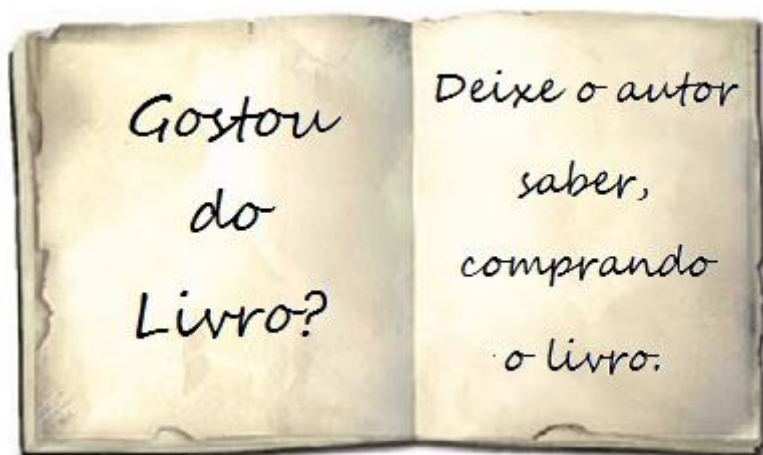


Photo ♦ Carolynne Bailey

Eu cresci em Concord, Massachusetts, onde estava matriculada na pública escolha Concórdia-Carlisle do bairro do jardim de infância até a minha formatura em 2001. A melhor parte da escola, a partir da quinta série até o ano que me formei, foi definitivamente o coro. Adoro música e adoro cantar, e embora eu nunca tive a coragem ou o talento para participar de qualquer um dos jogos da High School como uma performance, eu gostava de estar envolvida em outros níveis, a comunidade de música e drama em CCHS foi o ponto alto da minha carreira de escola secundária. Eu também estava na equipe de esgrima durante dois anos, uma experiência que realmente inspirou algumas histórias, e me arrependo de não continuar com esse esporte.

Eu agora vivo em Massachusetts com vários animais de estimação ... bem com, naturalmente, a minha família. Eu sou um estudante da Universidade de Massachusetts, com um Inglês / psicologia como dupla principal. Espero trabalhar como professor de Inglês no ensino secundário, ou na educação especial. Eu tenho opiniões fortes sobre alfabetização, educação e bastante sobre como os nossos sistemas educativos deveria ser tratado fortemente.

Meus hobbies não-escrever são ecléticas e cobrem tudo de passatempos domésticos como ponto cruz, cozinhar, manutenção do aquário, tocar piano, jardinagem, carpintaria, dirigir Harley-Davidsons, e discutir - existem algumas coisas que eu gosto mais do que um bom debate com alguém que sabe argumentar, que poderia ter algo a ver com um melhor amigo que trabalha na política. Gosto de aprender, então se eu tiver tempo e nada para fazer, não é incomum encontrar-me derramando sobre algum livro, site ou vídeo projetado para me ensinar alguma habilidade nova, de dança do ventre (algo que eu quero desesperadamente para aprender, mas ainda não foi suficientemente corajoso para me inscrever para aulas) a JavaScript.



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☞ *All Creatures of the night get together After dark* ☞